

**PÍFAMOS DO**  
**SERCAO**

*Recife, 2016*

Todos os direitos são reservados à Página 21, não sendo permitida a reprodução parcial ou total sem prévia autorização.

[pagina21.com.br](http://pagina21.com.br)

[tocandopifanos.com](http://tocandopifanos.com)

### Produção Gráfica

FacForm Impressos Ltda

Rua Barão de Água Branca, 510

Recife - PE - Cep 51160-300

[grafica@facform.com.br](mailto:grafica@facform.com.br)

[facform.com.br](http://facform.com.br)

---

P627 Pífanos do sertão / Eduardo Monteiro de Lima Neto ... [et al.]; colaboradores Carlos Antônio Malaquias, José Amaro de Souza Filho, José Claudio Lino ; organizador José Rafael Coelho ; fotos Claudia de Moraes Lisboa. – Recife : FacForm, 2016.

143p. : il.

Inclui referências.

1. BANDAS DE PÍFANOS – PERNAMBUCO (SERTÃO) – HISTÓRIA. 2. INSTRUMENTOS DE SOPRO. 3. INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO. 4. MÚSICA POPULAR – PARTITURAS. 5. BANDAS DE PÍFANOS – PERNAMBUCO (SERTÃO DO MOXOTÓ). 6. BANDAS DE PÍFANOS – PERNAMBUCO (SERTÃO DO PAJEÚ). 7. BANDAS DE PÍFANOS – PERNAMBUCO (SERTÃO CENTRAL). 8. PATRIMÔNIO IMATERIAL – PERNAMBUCO (SERTÃO). 9. MÚSICOS – PERNAMBUCO (SERTÃO). 10. BANDAS DE PÍFANOS – PERNAMBUCO (SERTÃO) – PESQUISA. I. Lima Neto, Eduardo Monteiro de, 1987-. II. Malaquias, Carlos Antônio, 1957-. III. Souza Filho, José Amaro de, 1964-. IV. Lino, José Claudio, 1952-. V. Coelho, José Rafael, 1965-. VI. Lisboa, Claudia de Moraes.

CDU 785.12  
CDD 788

PeR – BPE 16-250

ISBN: 978-85-5829-002-9

Impresso no Brasil – 2016

## Pífanos do Sertão

### Pesquisa e mapeamento sobre as bandas de pífanos do Sertão de Pernambuco

---

SERTÃO DO MOXOTÓ

---

SERTÃO DO PAJEÚ

---

SERTÃO CENTRAL

---

---

**Coordenação:** Página 21

**Edição:** Rafael Coelho

**Pesquisa:** Amaro Filho, Claudia Moraes e Eduardo Monteiro

**Assistente de pesquisa:** Maíra Lisbôa

**Historiador:** Eduardo Monteiro

**Consultoria musical e transcrição de partituras (páginas 112 a 135):** Cacá Malaquias

**Textos:** Eduardo Monteiro

**Artigos:** Amaro Filho, Cacá Malaquias e José Cláudio Lino

**Edição de fotos:** Claudia Moraes

**Fotografias:**

**Claudia Moraes:** páginas 10, 11, 18, 19, 20, 21, 25, 28, 32, 33, 34, 35, 41, 42, 43, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 91, 94 e 97.

**Reprodução do acervo de Damião Liberato, José Joaquim de Araújo e**

**Reginaldo Florêncio da Silva:** página 39

**Cacá Malaquias:** página 65

**Acompanhamento técnico:** Iphan-PE, Giorge Bessoni e Romero de Oliveira

**Registro audiovisual:** Amaro Filho

**Concepção gráfica:** Vladimir Barros

**Revisão de texto:** Consultexto

**Impressão:** Gráfica FacForm

---

**As pesquisas foram realizadas entre março e abril de 2013 (Sertão do Pajeú) e em maio de 2014 (Sertão do Moxotó e Central).**

---

**Agradecimentos:** Comissão Deliberativa do Funcultura/PE, Fundarpe, Giorge Bessoni, José Cláudio Lino, Maria Yolanda Amaral Santos, Romero Oliveira, Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco, Secretaria de Cultura de Betânia, José Paulo Pereira da Rocha, Secretaria Municipal de Cultura de Carnaíba, Maria Margarida Pereira Amaral de Lira, Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo de Verdejante, Severino Monteiro de Lima Cavalcante.

---

PÍF ANOS DO  
SERTÃO

---

## Sumário

Patrimônio Imaterial	13
Sertão	17
Pífano	23
Percussão	31
Bandas	37
Preservação	89
Novenas	93
Opiniões	99
Partituras	111

---

---

## Agradecimentos

Quero dedicar este importante livro sobre o pífano a Deus.

Agradeço aos amigos da Página 21, Amaro e Claudia; ao Governo Municipal de Carnaíba, pelo apoio dado através da Secretaria de Cultura; aos pifeiros e seus familiares, pela contribuição do fornecimento de algumas informações que estavam esquecidas no tempo, mas guardadas na mente dessas pessoas humildes; aos mestres do passado, como Joca Carreiro (Fátima de Flores), José Ramos (Itã), do distrito de Carnaíba, Pedro Faustino fogueteiro e Mestre Petronilo Malaquias; à minha mãe, Maria das Mercês, e a toda a minha família; ao poeta carnaibano João Heudes, que também tem sua colaboração no que diz respeito ao incentivo e à preservação das bandas de pífanos e pifeiros do Pajeú.

### **Cacá Malaquias**

Aos meus amores Rizoleta, Valéria e Maíra e a todos os que fazem parte do incrível universo do pife – muito obrigado.

### **Eduardo Monteiro**

Agradeço a todos os mestres e músicos das bandas de pífanos que encontramos nesta caminhada e que nos trouxeram tantas alegrias, conhecimentos e momentos maravilhosos. Esses verdadeiros detentores da sabedoria persistem e fazem por meio da oralidade o repasse dessa expressão musical capaz de encantar nossa vida.

Dedico esta obra ao nosso amigo Aldeni Pessoa de Melo, pela alegria que emanava a cada aprovação de projetos desenvolvidos pela Página 21, em especial aos dos pífanos. A sua vibração positiva continuará a nos incentivar.

### **Amaro Filho**

A todos os que trilharam e conhecemos nesse caminho: pelas conversas, pela perseverança, pela fé e pelo que são. E pra Chico, o menininho que cuida dos pífanos como um dos seus preciosos tesouros.

### **Claudia Moraes**



## Apresentação

Este livro faz parte do esforço de conceder às bandas de pífanos o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Para alcançarmos esse objetivo, realizamos encontros com estudiosos e profissionais envolvidos em música, cultura popular, história e outras áreas – que geraram muitas ações em prol da preservação da tradição das bandas de pífanos. Também executamos o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) como meio de inventariar e catalogar as bandas.

O INRC é um formulário com várias perguntas e campos obrigatórios, para se conhecer a fundo a fonte de investigação, desde o local onde se encontram os mestres e as bandas até as canções e os modos de tocar, recordados pelos mais velhos. Todo esse material serve de base para o mapeamento e o futuro reconhecimento da expressão cultural como patrimônio. Assim, munidos dessas informações, são encontrados os perfis essenciais para que determinada forma de expressão se enquadre como Patrimônio Imaterial.

Numa iniciativa da Página 21, com colaboração e suporte técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), foram visitados 18 municípios. Registramos nesta edição 35 pessoas, 29 delas integrantes de bandas, estando 25 em atividade.

Nesse percurso, além dos envolvidos diretamente nas atividades dos grupos (músicos e patrocinadores), surgiram entusiastas que exerceram a função de autênticos guias. Nas veredas do Sertão, onde, entre uma casa e outra, há quilômetros de estrada de barro cercada pela caatinga, as indicações de moradores encontrados pelo caminho eram mais precisas e atualizadas que quaisquer mapas ou aplicativos. Sem essas pessoas, um grande número de bandas e mestres teria passado em branco.

E foi vendo o entusiasmo e a esperança desses guardiões e guardiãs da cultura popular e tradicional, para muito além do que se poderia constatar por meio de livros e relatórios, que se chegou à conclusão: a tradição da banda de pífanos (ou terno de zabumba) está viva e em constante adaptação no Sertão pernambucano.

Todavia, na mesma proporção em que a gente comum nutre carinho e admiração pelas bandas de pífanos, há uma carência de apoio por parte das autoridades públicas, civis e eclesásticas. Na maioria dos municípios visitados, principalmente durante as festas religiosas (quando se comemoram os dias santos), novenas e apresentações de bandas de pífanos ainda são anunciadas e acompanhadas em profusão. No entanto, num equivocado empenho de “modernizar” gestões, prefeituras e igrejas relegam as tradicionais rezas, procissões, andores e tocadas de pífanos em benefício de apresentações de forró eletrônico; os altares e andores cedem lugar a dançarinas seminuas e cantores do sertanejo ilegítimo.

Os novos tempos trazem outras formas de ver e interagir com o mundo, principalmente no que diz respeito à cultura. Preservar a tradição de nossos ancestrais é entender a nós mesmos, quem somos e de onde viemos. É dever das gerações mais recentes preservar sua identidade cultural e criar um espaço de convivência harmonioso entre o antigo e o novo.

É diante desse atropelo que o “moderno” tem causado que fica ainda mais urgente a necessidade do reconhecimento oficial do patrimônio brasileiro – material e imaterial.



# PATRIMÔNIO IMATERIAL

**P**atrimônio imaterial é tudo aquilo reconhecido como expressão cultural ou tradição, mantido por grupos ou indivíduos para a preservação da ancestralidade e da identidade brasileiras. Essas expressões e tradições podem ser divididas em modos de saber, celebrações, ofícios e formas de expressão.

Ao ganhar tal reconhecimento, um patrimônio passa a ter cuidados e medidas de preservação. Na teoria, o poder público passa a ser responsável pela manutenção desse patrimônio, criando e gerenciando uma série de ações que favoreçam esse fim. Um exemplo disso é o maracatu, que, após ter sido contemplado com o registro, ganhou ações educativas, melhor divulgação nas rádios e projetos de instalação de museus – tudo em prol de seu resguardo, reconhecimento e divulgação. Essas medidas são chamadas de *ações de salvaguarda*.

#### AÇÕES DE SALVAGUARDA

*Ações de salvaguarda* são maneiras encontradas para preservar um bem cultural. Em todo o Brasil, existe gente lutando para preservar as bandas de pifanos. Lançamentos de discos, apresentações, divulgação em rádios e televisão são exemplos disso, assim como projetos ambientais que procuram preservar os tipos de bambu, que até hoje ainda servem como matéria-prima para confecção do instrumento.

A preservação também ocorre por meio do ensino, seja em iniciativas particulares para mostrar como confeccionar e tocar pifanos, seja no âmbito da educação formal.

A Lei nº 11.769/2008, que regulamentou o ensino de música nas escolas, oportunizou oficinas de fabricação de instrumentos e o ensino de noções básicas do ritmo e vem contribuindo para a propagação da cultura do pifano nos últimos anos.

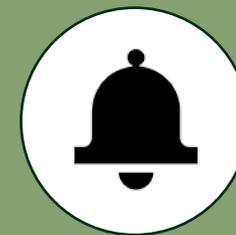
O registro de bens culturais de natureza imaterial é regulamentado por lei federal, e o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI) direciona verbas para a salvaguarda dos bens culturais.

Um bem cultural pode ser uma expressão artística, uma celebração, um saber ou até mesmo um lugar. Veja alguns exemplos de bens culturais já registrados no Brasil:



**FESTA DO SENHOR BOM JESUS DO BONFIM**

Ocorre em Salvador, desde 1745. A celebração religiosa tem origem na Península Ibérica, durante a Idade Média, mas na Bahia apresenta também elementos afrobrasileiros. Começa após o Dia de Reis, em janeiro, e culmina com a *Lavagem da Igreja do Bonfim*.



**TOQUE DOS SINOS EM MINAS GERAIS**

É uma forma de expressão sonora produzida pela percussão dos sinos das igrejas católicas para anunciar eventos religiosos como o Natal, a Semana Santa, casamentos ou batizados. É comum em São João del Rei, Diamantina e outras cidades históricas mineiras.



**CACHOEIRA DE IAUARETÊ**

Local sagrado de povos indígenas que habitam os rios Uaupés e Papuri, reunidos em dez comunidades compostas por etnias de filiação linguística tucano, aruaque e macu. Está situada em São Gabriel da Cachoeira, no Estado do Amazonas.



**MODO DE FAZER DA VIOLA DE COCHO**

A viola de cocho é um instrumento musical singular quanto à forma e à sonoridade, produzido exclusivamente de forma artesanal na Região Centro-Oeste do Brasil. A técnica consiste na escavação da caixa de ressonância da viola em uma madeira interiça.



SERTÃO

Muitos sertanejos tornaram-se personagens emblemáticos da história e da cultura da região:

### Bendito em homenagem a Padre Cícero

Oh! que caminho tão longe  
E cheio de pedra e areia

Valei-me, meu padre Cícero  
E a mãe de Deus das Candeias

No céu só cantam os anjos  
No mar só canta a sereia

Valei-me, meu padre Cícero  
E a mãe de Deus das Candeias

No caminho do Juazeiro  
Ninguém nunca se perdeu por causa  
Das luminárias da mãe de Candeias

Eu canto este bendito com amor  
No meu coração

Valei-me, meu padre Cícero  
E a mãe de Deus das Candeias



PADRE CÍCERO

Cícero Romão Batista (1844–1934) foi sacerdote e teve grande influência na vida política e social nordestina. O Padim Ciço tornou-se referência de fé popular, e sua figura atrai anualmente milhares de romeiros à cidade de Juazeiro do Norte (CE), no Sertão do Cariri. Apesar de considerado santo e milagreiro pelo povo, foi punido pela Igreja Católica em 1898, recebendo o perdão apenas em 2015.



LAMPIÃO

Virgulino Ferreira (1897–1938) liderou um grupo de cangaceiros, combatendo na caatinga, e tornou-se figura controversa: bandido para uns, herói para outros. Difundiu o xaxado, dança em que os participantes arrastam as alpercatas (tipo de calçado) no chão.



LUIZ GONZAGA

O Rei do Baião (1912–1989), como era conhecido, contribuiu para a difusão da cultura e da música nordestina em todo o Brasil. Cantava com sua sanfona, acompanhado por zabumba e triângulo. Apresentou ao País o baião, o xote e o xaxado.

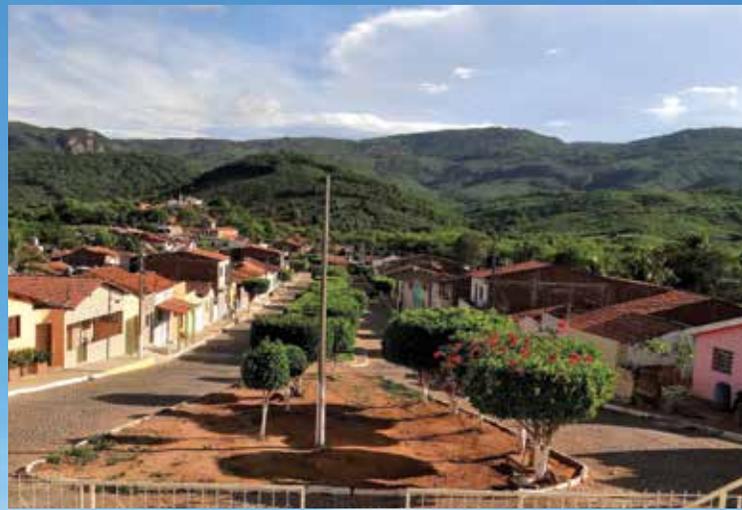


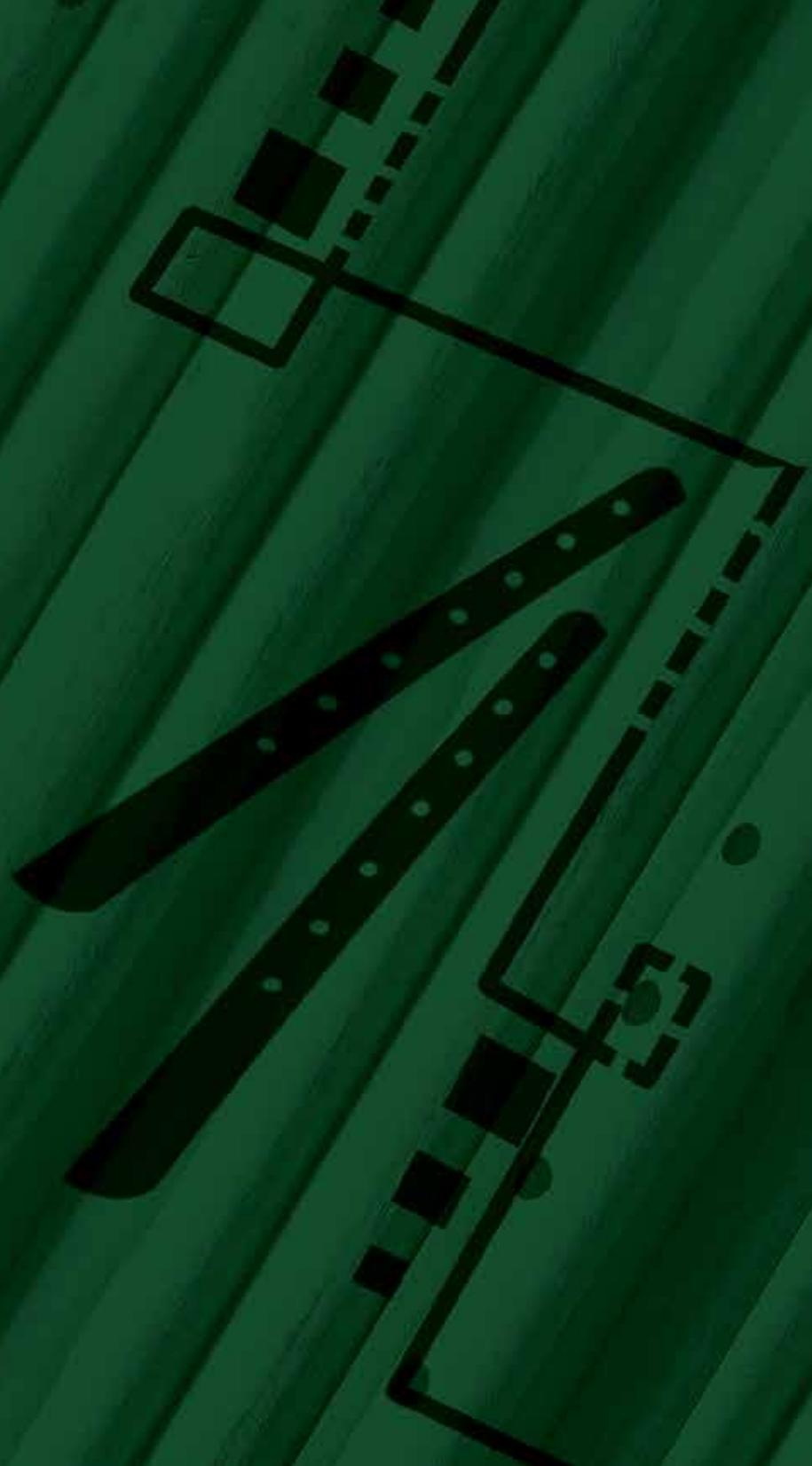
Nos primórdios da colonização brasileira, a palavra *sertão* era usada para designar as terras que não faziam parte do litoral. Tudo o que ainda estava para ser demarcado e dominado era designado *sertão*. Com a interiorização da colonização, principalmente por causa da criação de gado, a região passou a ser povoada e ter divisões mais específicas – devido à geografia, ao clima e aos costumes diferentes de cada leva de colonizadores.

O Sertão não pode ser encarado simplesmente como uma coisa só, mas de forma plural – com diferentes sotaques e saberes. Não há ali apenas um tipo de manifestação cultural. Pelo contrário, há vários: coco, aboio, cantoria, toré..., cada um deles com uma origem e história específicas, que fazem dessa região uma das mais ricas em termos de tradições ancestrais.

Antes da chegada dos portugueses ao Brasil, o Sertão já tinha moradores nativos – como os índios cariris, que deixaram registros rupestres nas serras do Boqueirão e da Matinha, onde hoje se encontra o município de Carnaíba.

Com a vinda dos primeiros europeus, chegaram também os africanos – ou como escravos ou como fugidos. Estes fundaram quilombos e se miscigenaram com os indígenas e europeus, misturando também religiões e crenças.





PIFANO

O *pifano*, conhecido também por *pifaro* ou *pife*, é uma flauta transversal feita em material cilíndrico com sete furos – um para soprar e seis para dedilhar. Tradicionalmente feito de bambu, pode ser construído também de PVC, metal ou outro material cilíndrico que possa ser perfurado e transformado em flauta, como galhos de mamoeiros, ossos ou barro. É o principal instrumento das bandas de pifanos, geralmente tocado em pares.

No século 16, na época dos descobrimentos, o pifano estava presente em caravelas portuguesas e espanholas para celebrações a bordo. Foi amplamente utilizado na catequese dos indígenas da América, embora entre os índios brasileiros já fosse usado como acompanhamento de danças rituais.

O mais antigo registro de existência de um instrumento semelhante ao pifano no Brasil data de cerca de 2.000 anos atrás. Em 1983, estudos arqueológicos num sítio de pintura rupestre na Serra da Boa Vista (município de Brejo da Madre de Deus, a 195 km do Recife) localizaram um cemitério indígena. Entre os 83 esqueletos resgatados, um deles possuía, entre os ossos de seus braços, uma flauta feita de uma tíbia humana, com um único orifício e adornada por um cinto de fibras vegetais. Acredita-se que o instrumento era utilizado em rituais de danças e enterros.

Uma das pontas do instrumento é fechada – usa-se cera de abelha, cortiça, borracha, cola ou o que quer que vede bem esse local; a outra ponta é aberta e serve para o fluxo de ar produzir o som. Os seis furos cobertos pelos dedos, alteram o fluxo de ar dentro do instrumento, criando o som e a melodia; o orifício onde se sopra na flauta é chamado de *bocal*.

Foi através dos jesuítas e militares portugueses que o pifano desembarcou no Brasil. Os jesuítas usaram o instrumento para catequização e educação das populações nativas; na sequência, foi incorporado pelos escravos africanos e pela população miscigenada. Talvez devido às diferentes formas de introdução do instrumento no cotidiano dos colonos, houve uma sensível diferenciação entre os ancestrais das bandas de pifanos brasileiras: os indígenas sendo mais ligados ao uso religioso (procissões, novenas, saudações) e os



africanos, voltados à raiz militar do instrumento, o que trouxe ao seu estilo uma cadência diferenciada.

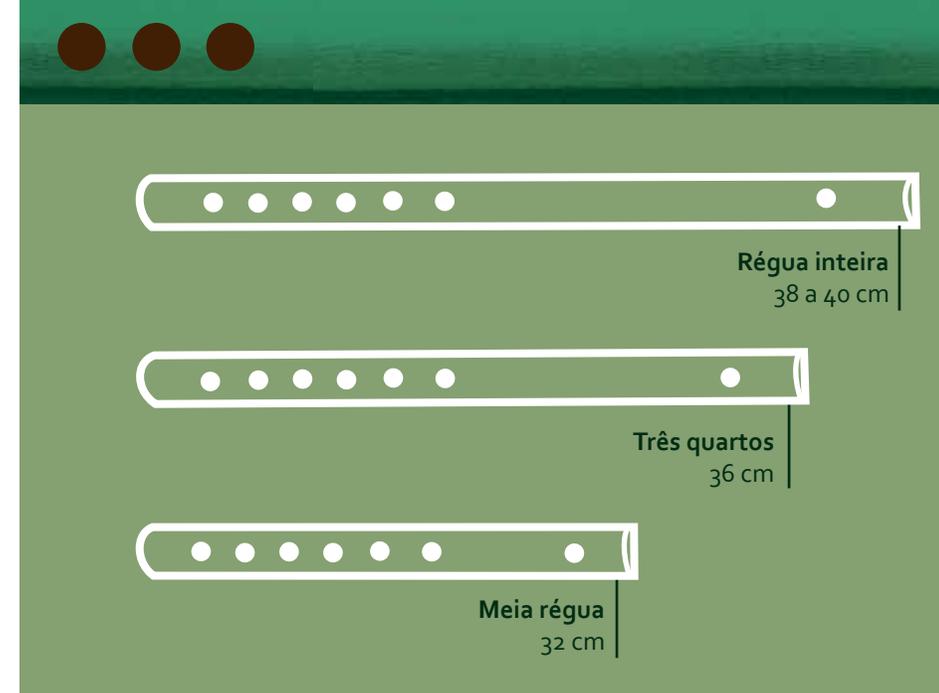
Até o século 19, o pife era basicamente instrumento militar: ia à frente da infantaria enquanto na cavalaria tocava-se o trompete.

Há inúmeros documentos que mencionam o pífano, inclusive no tempo de Dom João VI, que, em sua guarda de honra, tinha pífanos e caixas (tambores).

A tradição das bandas de pífanos foi e é normalmente transmitida entre gerações, sendo comum algum traço de parentesco direto entre um mestre pifeiro contemporâneo e os fundadores das bandas. Quando não há um traço direto de parentesco, é possível que ele tenha crescido no seio de uma comunidade que propiciou encontros diretos com tocadores, já que até hoje a forma tradicional de aprender a tocar pífanos é de ouvido (e de olhos bem atentos aos movimentos dos dedos à embocadura).

Normalmente se fabrica o pífano em três tamanhos: meia régua, três quartos ou régua inteira. Como eram feitos originalmente de espécies nativas de bambu e cada vara possui um tamanho, as variações entre um instrumento e outro – mesmo quando parecem ter o mesmo tamanho – sempre existem.

O comprimento se mede a partir do centro do bocal até o final do pife. Esse tamanho determina a altura da nota dada com todos



os orifícios tapados; a grossura da parede do pífano é a medida do espaço oco de dentro da flauta.

O pífano de meia régua tem aproximadamente 32 cm; o de três quartos, 36 cm; e o de régua inteira, 38 a 40 cm. O pífano de meia régua, mais agudo, é usado para eventos maiores, quando a banda precisa de um volume de som mais alto – vale lembrar que as bandas costumam tocar sem ajuda de microfones e caixas amplificadoras de som. O pife de tamanho três quartos é o mais encontrado, e o de régua inteira é usado em ocasião mais informal.

O bambu é a matéria-prima mais tradicional do pífano, o que não quer dizer que seja a única, melhor ou mais antiga. Com a urbanização cada vez maior do interior e o assoreamento das margens dos rios, que são locais nativos dos bambus usados no pife, é cada vez mais raro achar essa matéria-prima. Além do desmatamento e da urbanização desenfreada, as novas leis ambientais não permitem que sejam retiradas plantas de seu hábitat natural – ou seja, mesmo quando se encontra um bambuzal com capacidade de fabrico de pífanos, não se pode extrair a matéria-prima, para que se preserve o meio ambiente. Isso gerou um problema aos mestres na hora do fabrico, mas problemas sempre trazem soluções: além do próprio replantio, mais raro e de difícil manejo, passou-se a utilizar outros materiais na confecção desses instrumentos.



## BAMBU

Bambu é uma denominação comum a diversas espécies da família das gramíneas, que se caracteriza pelo caule alto e resistente. Recebe diversas denominações dependendo do tamanho ou conforme a região do País: *taquara, cana-da-índia, mossô*.

Alguns tipos de bambu são usados em construções e no artesanato e muitos podem ser comestíveis ou ter uso medicinal.



PVC



Bambu



Metal

As bandas de pífanos passaram a recorrer ao metal e ao plástico para driblar o problema da falta de bambu. O pífano de PVC é largamente utilizado entre mestres pifeiros, podendo ser reproduzido em larga escala e ter medidas iguais entre si. O que não acontece com o bambu, cada um é diferente – como impressões digitais –, isso dá trabalho quando os mestres fabricam a parelha (par de pífanos que compõe a banda). As varas de bambu podem se aproximar de tamanho, mas é difícil achar o mesmo diâmetro, e as próprias fibras de cada um fazem soar um som diferente.

Outra diferença citada pelos mestres entrevistados é que o metal e o PVC são mais difíceis de quebrar. O pífe de bambu é bem mais frágil que os sintéticos, sendo normalmente ornamentado com anéis de metal ou fitas para fortalecer as fibras do instrumento e precaver a quebra em caso de queda – algo desnecessário no metal e no PVC. Além disso, é mais difícil encontrarmos material para fazermos um pífano de bambu do que os demais (facilmente encontrados em armazéns).

Quanto à diferença de sonoridade, isso varia entre cada músico e fabricante – há quem defenda a sonoridade dos tradicionais, quem não veja diferença e também quem prefira os materiais mais modernos. O que fica de lição em relação aos materiais utilizados na fabricação do pífano é a adaptação dos mestres e das bandas para que não se acabe a tradição, adequando matérias-primas e modos de fazer. Embora saiba-se que o material mais conhecido seja o bambu, não ouvimos ninguém dizer que uma banda de pífanos não é tradicional por usar pífes de metal, PVC ou quaisquer outros materiais.



# PERCUSSÃO



Zabumba, surdo e tarol são os instrumentos de percussão originais das bandas de pífanos. Eles também passaram por modificações ao longo dos anos, sejam variações de tamanho, modo de fabrico e matéria-prima.

## A zabumba

Esse instrumento percussivo acompanha os dois pífanos desde as primeiras formações das bandas. Construída com materiais encontrados no espaço geográfico que cercava as bandas ancestrais, a zabumba é feita com pele animal e fibras vegetais.

A parte que o tocador bate no instrumento, geralmente chamada de *tímpano*, é composta por couro de bode (há relatos do uso do couro de raposa). Para as cordas que amarram e afinam o instrumento, os artesãos usam corda de sisal ou cipós encontrados nas vegetações locais. A caixa acústica é feita com um tronco oco de árvores largamente encontradas na região – pode-se destacar o tamboril (popularmente conhecido como *orelha de velho* ou *tambor*).

Mais recentemente, leis ambientais passaram a impedir a derrubada das árvores que fornecem a madeira para a confecção das zabumbas e dos surdos. A própria conscientização dos artesãos fez com que a derrubada dessas árvores fosse praticamente suprimida – o que alterou drasticamente a matéria-prima e o modo de fabricar não só as zabumbas, mas os demais instrumentos percussivos das bandas de pífano.

Hoje em dia, é comum encontrar esses instrumentos fabricados com plástico e metal, aproximando-se muito do modelo de instrumento das bandas militares. É notória a diferença estética e sonora entre as zabumbas de material tradicional e as de material sintético e também a diferença em relação ao peso dos instrumentos, já que algumas caixas acústicas feitas de tronco de árvore pesam consideravelmente mais do que as de alumínio. Afinar uma zabumba com tímpano de couro requer um demorado processo de aquecimento – com o instrumento próximo a uma fonte de calor (normalmente uma fogueira), o couro estica ao passo que vai esquentando. Essa afinação proporciona um aumento na sonoridade. Em zonas rurais – sem a interferência da poluição sonora urbana –, o barulho da zabumba é ouvido a léguas de distância. Em outros tempos, a zoadá anunciava a chegada da banda nas novenas e nos festejos e também as transições das etapas ritualísticas e comemorativas.





No caso dos instrumentos com o corpo de metal e tímpano de plástico, a afinação se dá por meio de tarraxas dispostas na borda, bastando girá-las para afrouxar ou apertar a parte em que se toca.

Segundo o relato de alguns zabumbeiros mais antigos, entre eles o Mestre Ulisses, apesar de o peso e a sonoridade da zabumba original serem inigualáveis, é mais valioso manter uma árvore de pé.

As amarras, antes de cipó de árvores, foram substituídas por cordas de sisal e outros materiais – pelo mesmo motivo: a dificuldade de encontrá-los na natureza e a facilidade de materiais substitutos.

Normalmente, a banda percorria o caminho até as tocas a pé e anunciava sua chegada bem antes de chegarem ao



destino. Como não havia rádio, TV ou telefone, a maneira de a comunidade tomar conhecimento das tocas era ouvir o baque da zabumba.

## Caixas e pratos

Estão mais ligados às bandas marciais. O caixa é encontrado em imagens e relatos desde as primeiras bandas de pifanos, já os pratos foram introduzidos mais recentemente, no início do século 20.

Os caixas de guerra, ou caixas, ou tarol – na versão industrial –, são encontrados facilmente em lojas de artigos musicais. Os caixas ditos *tradicionais* têm a mesma matéria-prima e método de fabrico que as zabumba – mudando somente o tamanho do instrumento e a afinação, bem como a forma de tocar (toca-se com o caixa com duas baquetas finas).

Os pratos são os instrumentos que menos sofreram alterações em sua produção – uma liga metálica, que produz um som estridente inconfundível. Mas o tamanho desse instrumento varia de acordo com o gosto do músico e a necessidade de gerar o som com maior ou menor volume. Os pratos, todavia, não são comuns em bandas sertanejas.



**BANDAS**

**T**erno de pifanos, bandas de pifanos, terno de zabumba, *cabaçal* são algumas das denominações atribuídas aos grupos formados por um par de pifanos, caixa e zabumba – e em determinadas regiões também por pratos e um pequeno surdo, chamado de *tarol*.

Até meados do século 20, o caráter religioso era predominante na maioria das bandas, pois era nas novenas que os músicos tocavam mais vezes e por mais tempo. Nesse contexto, os benditos aos santos, dobrados e valsas de entrada e saída tomavam conta do repertório.

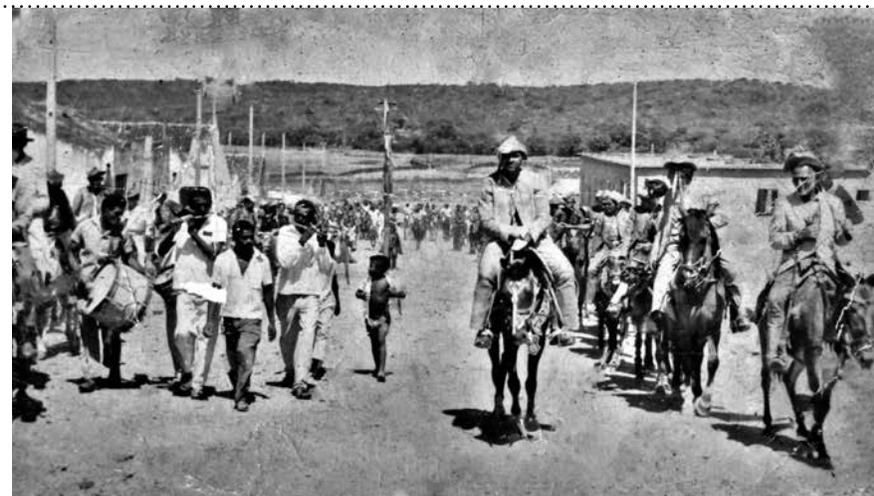
Depois das obrigações religiosas, as bandas tocavam para o público um repertório profano. Nesse momento, a depender do povoamento do local, as misturas rítmicas e culturais vinham mais à tona.

A depender de quem toca – uma banda de caboclos ou de quilombolas –, as mesmas músicas podem ter sonoridades diferentes, que mostram a pluralidade que compõe a cultura nacional.

## Mestres pifeiros

**P**ara ser considerado um mestre pifeiro, não basta tocar bem os instrumentos da banda, tem que dominar as técnicas do seu fabrico. O mestre é normalmente um músico autodidata, sabe as músicas de ouvido (raramente usa partituras ou notas escritas), ensaia com a banda momentos antes das apresentações e domina o improviso como poucos.

Em geral, é membro de uma família de pifeiros ou está dentro de uma comunidade onde aprendeu de ouvido. Suas referências são visuais e auditivas; mestres são, na sua maioria, trabalhadores rurais que se ocupam da agricultura de subsistência, trabalhando no “alugado” ou cultivando sua pequena roça.



*Terno de zabumba, terno de pífanos, esquenta-muié, cabaçal.* Cada nome desses traz consigo uma história, um sotaque, um local, uma época. Eles revelam particularidades que mostram com mais clareza as relações festivas, políticas e religiosas na rotina dos tocadores e admiradores dessas bandas.

Mas o que une esses nomes em torno da mesma expressão é o fato de esses conjuntos estarem, todos eles, ligados a festas populares – sejam elas religiosas ou lúdicas – e estabelecidos no contexto rural, no mato, na caatinga. Parte disso se deve ao fato de as matérias-primas desses instrumentos serem encontradas em grande quantidade nesses meios e por constituir também um testemunho vivo da nossa colonização, do litoral ao interior, fundando igrejas em freguesias e trazendo junto a demanda por bandas que completassem os cerimoniais religiosos e profanos.

Não é raro encontrar fotos antigas de bandas de pífanos em desfiles cívicos no interior – uma herança clara de sua raiz militar vista e ouvida nos hinos e nas marchas reproduzidos até hoje pelas bandas.

Uma característica comum no Sertão é a existência de uma mesma banda com formações diferentes para cada ocasião. Sobretudo nas vilas rurais mais afastadas, onde a comunicação é muito difícil e o encontro dos componentes das bandas para ensaios e apresentações é complicado. A maioria desses músicos tem

uma banda. Ocorre que mestres pifeiros juntam músicos de outras bandas para formarem o conjunto – sendo que determinada banda pode ser conhecida simplesmente pelo seu líder, normalmente um mestre pifeiro ou zabumbeiro, que organiza a reunião dos músicos disponíveis para as apresentações.

Diferentemente dos trajes usados pelas bandas do Agreste Central (chapéus estilizados do cangaço ou de vaqueiros, camisas listradas e alpercatas de couro), a maioria das bandas sertanejas entrevistadas usa roupas comuns, do dia a dia, para suas apresentações. Algumas usam camisas de algodão com a estampa de um santo padroeiro.

Durante a pesquisa, em algumas entrevistas, quando perguntado quais eram os componentes da banda, a resposta comum era que o fixo (normalmente o líder e mantenedor) era o pifeiro (ou zabumbeiro) e os demais se reuniam de acordo com o tempo disponível e o local da apresentação.

Ou seja, se um pifeiro está sem um músico oficial da banda disponível, é comum que procure um substituto numa região próxima à apresentação, para facilitar o deslocamento e encontro desses componentes. Esse tipo de formação gera surpresas quando a harmonia da banda é tal que parece que os músicos tocam juntos e ensaiam há tempos, bem como também causa transtornos quando o entrosamento entre os componentes não é dos melhores.

## Entrevistados





# Bandas

## Sertão do Moxotó

### ARCOVERDE

Banda de Pífanos Santa Luzia  
Bandinha de Pífanos de Arcoverde

### BETÂNIA

Bandinha de Pife de Betânia

### CUSTÓDIA

Banda de Pífano Cultura do Meu Saber  
Luiz Gonçalo da Silva

### SERTÂNIA

José Joaquim de Araújo  
Bandinha do Sítio Caiana  
Bandinha da Mata de Sertânia  
Bandinha de Pífanos da Umburanas  
Nossa Senhora da Conceição  
Bandinha do Sítio Pinheiro

## Sertão do Pajeú

### AFOGADOS DA INGAZEIRA

Bandinha Cultural dos Cardoso  
Banda de Pífanos do Leitão da Carapuça

### SERRA TALHADA

Banda de Pífanos de Loanda  
Banda de Pífanos do Mestre Louro

### TABIRA

Banda de Pífanos dos Nicácio  
Banda de Pífanos Frei Damião  
Seu Aguiar

### CARNAÍBA

Banda Raízes Travessão do Caroá  
Antônio Anísio da Silva  
Antônio de Pádua Lima  
Banda de Pífanos Santo Antônio  
Banda de Pífanos do Mestre Antônio

### SÃO JOSÉ DO EGITO

Banda de Pífanos Riacho do Meio

### SOLIDÃO

Banda de Pífanos  
Nossa Senhora de Lourdes

### INGAZEIRA

Banda Maravilhosa de Santa Rosa  
Banda de Pífanos São José

### IGUARACI

Banda de Pífanos São Sebastião

### TRIUNFO

Banda de Pífanos  
Nossa Senhora de Sant'Ana

## Sertão Central

### VERDEJANTE

Banda de Pife Rei do Sertão

### SÃO JOSÉ DO BELMONTE

Banda de Pife do Mestre  
Ulisses do Sítio Altos

### SALGUEIRO

Banda de Pífanos  
Conceição das Crioulas

### SERRITA

Banda Cabaçal  
Banda de Pife dos Liberatos

### PARNAMIRIM

Banda de Pífanos  
Alvorada de Santa Rita



# SERTÃO DO MOXOTÓ

## BANDA DE PÍFANOS SANTA LUZIA



LOCALIZAÇÃO: Arcoverde



FUNDAÇÃO: Fundada em 1939

### INTEGRANTES:

José Batista de Santana (Delegado) – primeiro-pífano

Damião Rosa Brito – segundo-pífano

Carla Cristina Batista de Santana – pratos

Sandro – zabumba

Tiago – caixa



O nome do grupo é em homenagem à padroeira da cidade de Arcoverde, conhecida como a porta do Sertão pernambucano. José Batista passou a infância admirando o pai, que também era pifeiro. Carla, filha de José, começou a tocar pratos aos 10 anos.



“Meu pai viajava muito. Num dia, quando ele voltou de uma dessas viagens, eu já estava tocando pífano. Ele não acreditou!”

JOSÉ

“Meu avô disse que não devia morrer a tradição, era pra continuar. Daí eu tomei a frente com meu pai. Eu só saio o dia que Deus quiser.”

CARLA



“ Todo mundo é bom, mas em primeiro lugar está o pife. Se eu não tiver um pife em casa pra tocar com os meus colegas, pra mim é uma tristeza.”  
SEBASTIÃO HENRIQUE

### BANDINHA DE PÍFANOS DE ARCOVERDE

 LOCALIZAÇÃO: Arcoverde

 FUNDAÇÃO: Fundada no século 19

#### INTEGRANTES:

Sebastião Henrique Jorge da Silva (Bastião do Pife) – primeiro-pífano  
José Henrique Jorge (Biu Henrique/Zezinho do Pife) – segundo-pífano  
Zé de Loló – zabumba  
Sandro – tarol  
Daniel – pratos  
Dindo – caixa

 A banda surgiu com os avós dos atuais integrantes. Foi criada no Sítio Catanho, no município de Buíque. Quando a família se mudou para Arcoverde, levou os instrumentos e manteve a tradição.

### BANDINHA DE PIFE DE BETÂNIA

 LOCALIZAÇÃO: Betânia

 FUNDAÇÃO: Fundada no século 18

#### INTEGRANTES:

 Alexandre João dos Santos – primeiro-pífano  
José Gregório dos Santos – segundo-pífano  
Manoel Sebastião dos Santos – zabumba  
Raimundo Inocêncio da Silva – caixa

 A banda veio de Mata Grande (AL) trazida por um pifeiro que se casou com uma moça de Betânia. Preservada por diversas gerações, apresentou-se pela última vez em 2013.

“ A coisa ficou de um jeito que só quem venera a banda de pife são os mais velhos.”  
MANOEL SEBASTIÃO





“Ouvi Dezinho, do Travessão do Caroá, tocando... Aí fiz um pifinho de PVC e comecei a insistir. Vendo os outros tocarem, me interessei a aprender.”  
**DEJIVAN OTACÍLIO**

### BANDA DE PÍFANO CULTURA DO MEU SABER

 LOCALIZAÇÃO: Custódia

 FUNDAÇÃO: Fundada em 1995

#### INTEGRANTES:



João Batista da Silva (Santo) – primeiro-pífano  
 Dejivan Otacílio da Silva (Ducha) – segundo-pífano  
 Manoel da Silva Lima – zabumba  
 Wellington Antônio da Silva (Zomir) – caixa



O grupo existe desde a metade da década de 1990. Surgiu na comunidade quilombola Buenos Aires, antiga Manissobra. Em 2005, durante o programa *Saberes da Terra*, adotou o nome atual.

LUIZ GONÇALO DA SILVA (GONZAGA DO PIFE)/NEUZA CECÍLIA DA SILVA/CECÍLIA BLANDINA DA SILVA (MESSIAS GONÇALO)



LOCALIZAÇÃO: Custódia



Cecília, 94 anos, sogra de Luiz Gonçalo, conta que a banda, na época, conhecida por Banda de Pife dos Gonçalo, surgiu quando da chegada de uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, trazida por seu pai, Antônio Gonçalo, à Igreja de Quitimbu. Colocar a imagem da santa na igreja era uma promessa dos escravos assim que pudessem se tornar libertos.



“Muitos querem aprender o pife, mas não é fácil, não. Tem que ter tudo na memória.”  
**LUIZ GONÇALO**

“ Eu vi na Bíblia que esse instrumento, pífano, é do tempo do começo do mundo, o nome era trombeta.”

JOSÉ JOAQUIM



### JOSÉ JOAQUIM DE ARAÚJO

 LOCALIZAÇÃO: Sertânia

 INTEGRANTES:  
José Joaquim de Araújo (Zé do Doce/Zé do Pife/Zé Severo) – primeiro-pífano  
A percussão não tem formação fixa.

 A banda não tem um nome oficial, mas é chamada de Banda do Sítio Tigre. José Joaquim conta que pediu ao pai que lhe fizesse um pífano depois de ouvir as irmãs batucarem as rezas em latas de água.

### BANDINHA DO SÍTIO CAIANA

 LOCALIZAÇÃO: Sertânia

 FUNDAÇÃO: Fundada no início do século 20

 INTEGRANTES:  
José Ramos da Silva (Ramos de Josué) – primeiro-pífano  
Afonso Nunes da Silva (Afonso de Josué) – segundo-pífano  
Djalma – zabumba  
Aristides Elídio Ferreira – caixa

 Os irmãos Ramos e Afonso herdaram a banda do pai, que também era pifeiro. Atualmente, ambos parecem desiludidos quanto à tradição ser continuada por algum herdeiro.

“ A banda continua, e a gente pelega pra ver se alguém da família quer aprender, mas eles querem outras coisas.”

JOSÉ RAMOS



“Eu amo a minha banda de pífano. Eu amo a música. Tenho saudades e não posso desistir do que é dos tempos dos meus avós e pais.”  
REGINALDO FLORÊNCIO



### BANDINHA DA MATA DE SERTÂNIA

 LOCALIZAÇÃO: Sertânia

 FUNDAÇÃO: Fundada em 1922

#### INTEGRANTES:

José Cesário – primeiro-pífano  
Afonso Nunes (Afonso de Josué) – segundo-pífano  
Reginaldo Florêncio da Silva – zabumba  
Edilson – caixa  
Edvaneide Francisco de Oliveira (Neide) – pratos

 A zabumba do grupo é centenária, feita do tronco de tamboril e com couro de bode. O zabumbeiro Reginaldo é o guardião dos instrumentos herdados dos antepassados.

### BANDINHA DE PÍFANOS DA UMBURANAS NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

 LOCALIZAÇÃO: Sertânia

 FUNDAÇÃO: Fundada entre 1920 e 1930

#### INTEGRANTES:

 Edvaldo Raimundo dos Santos (Valdo) – primeiro-pífano  
Edízio Raimundo – segundo-pífano  
Erinaldo Raimundo – zabumba  
José Arnaldo dos Santos (Dal) – caixa

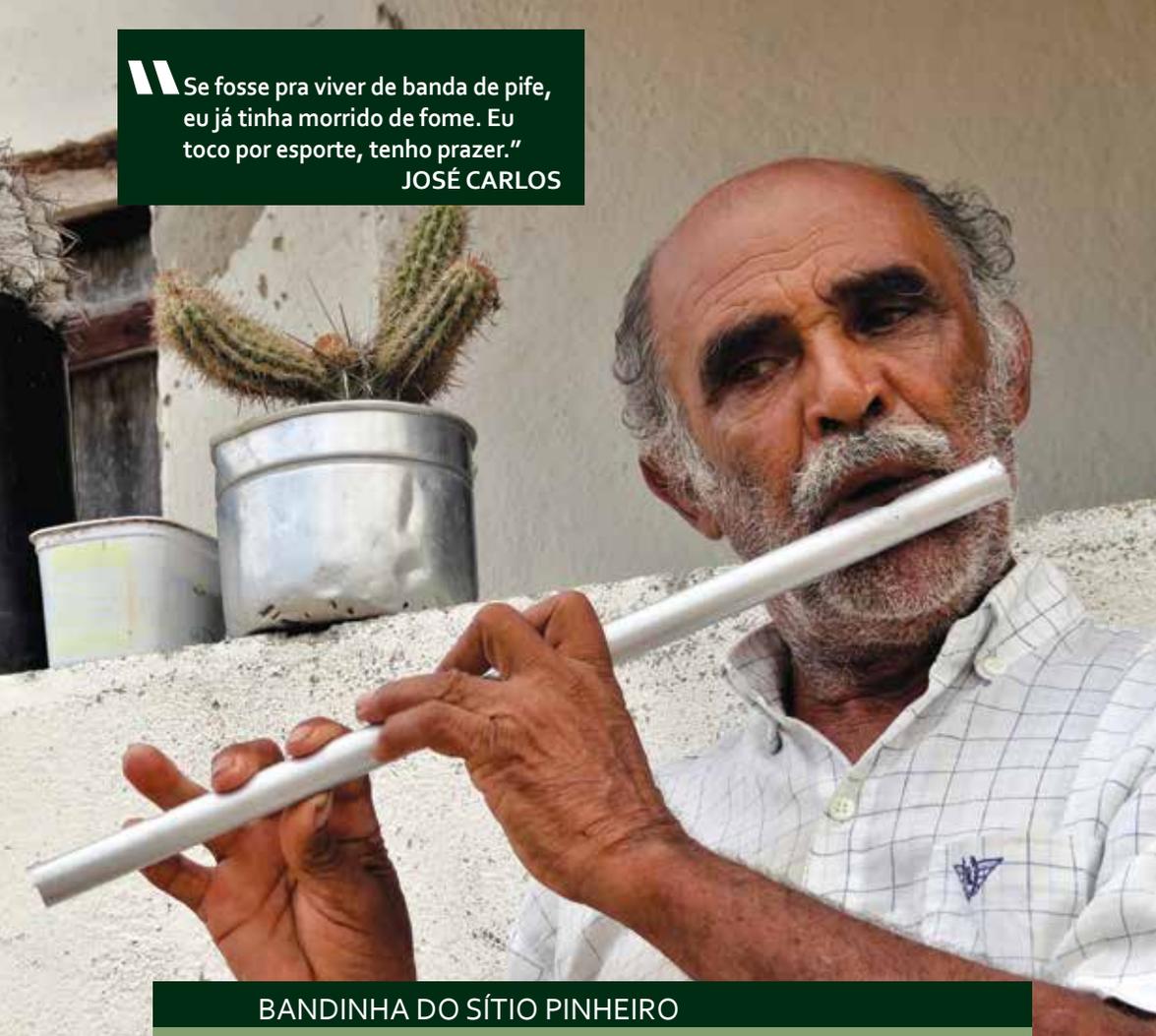
 O nome da banda está escrito na fachada da casa do mestre pifeiro, que fica num lugarejo entre Arcoverde e Sertânia, no caminho que leva ao Vale do Catimbau, em Buíque.



“Cada dia eu vejo que é uma tradição que vai se acabando, que está diminuindo. Mas eu prometi pro meu pai que, enquanto eu tiver fôlego, eu toco.”

EDVALDO

“Se fosse pra viver de banda de pife, eu já tinha morrido de fome. Eu toco por esporte, tenho prazer.”  
JOSÉ CARLOS



## BANDINHA DO SÍTIO PINHEIRO



LOCALIZAÇÃO: Sertânia



FUNDAÇÃO: Fundada entre o final do século 19 e o início do século 20



### INTEGRANTES:

José Carlos da Silva (Zezinho) – primeiro-pífano  
A percussão não tem formação fixa.



Zezinho herdou a banda dos bisavós. Aprendeu a tocar aos 8 anos com um tio, com o qual se juntou para manter viva a tradição centenária.

# SERTÃO DO PAJEÚ

## BANDINHA CULTURAL DOS CARDOSO



LOCALIZAÇÃO: Afogados da Ingazeira



FUNDAÇÃO: Fundada no início do século 19



### INTEGRANTES:

Antônio Cardoso da Silva (Seu Cardoso) – primeiro-pífano

Severino Lopes Cardoso (Biu Cardoso) – segundo-pífano

Josefa Adriana Lopes Cardoso – zabumba

Maria Aparecida Lopes Cardoso – caixa

Luiz Carlos Lopes Cardoso – pratos



O agricultor Antônio Cardoso da Silva conta que ganhou o primeiro pífano, aos 8 anos de idade, de um ferreiro que fez o instrumento. Tocou por 19 anos nas festividades de Santo Antônio e depois doou os instrumentos da banda para a Igreja de Santo Antônio, no município de Caruaru. Alguns anos depois, remontou o grupo já em Afogados da Ingazeira.



Nós fazíamos as novenas e o forró, que era a música do povo.”  
ANTÔNIO





“ Não se vive de banda de pife, a gente toca por causa da tradição. O povo me procura pra tocar, e acho feio recusar.”  
LUIZ GONÇALO

### BANDA DE PÍFANOS DO LEITÃO DA CARAPUÇA

 LOCALIZAÇÃO: Afogados da Ingazeira

 FUNDAÇÃO: Fundada entre o final do século 19 e o início do século 20

#### INTEGRANTES:

Luiz Gonçalo da Silva (Gonzaga do Pife) – primeiro-pífano  
José Leandro da Silva – segundo-pífano  
Francisco Veneramo da Silva (Tica) – zabumba  
José Januário da Silva – caixa

 Leitão da Carapuça é uma comunidade afrodescendente, no município de Afogados da Ingazeira. Uma das características do grupo é a batida da zabumba, marcada pelo ritmo do coco.

### BANDA DE PÍFANOS DE LOANDA

 LOCALIZAÇÃO: Serra Talhada

 FUNDAÇÃO: Fundada no século 18

 INTEGRANTES:  
Damião – pífano  
Noé Matias dos Santos (Noé da Zabumba) – zabumba  
Antônio Ercílio de Barros (Marquinhos) – caixa  
Vanvan – triângulo

 A banda tem tradição familiar, mas os pifeiros não moram mais no povoado e são recrutados de outras cidades quando aparece alguma apresentação.



“ Quando a zabumba morrer, eu morro também.”  
NOÉ MATIAS



“Quando eu era jovem, ouvia a banda de pífanos, e aquilo me tocava na mente e no coração. Me dava muita vontade de fazer aquilo.”

LOURIVAL

### BANDA DE PÍFANOS DO MESTRE LOURO

 LOCALIZAÇÃO: Serra Talhada

 FUNDAÇÃO: Fundada em 1970

#### INTEGRANTES:

Lourival Pereira dos Santos (Louro) – primeiro-pífano  
 João Lourival dos Santos/Cícero Lourival dos Santos – segundo-pífano  
 José Pereira de Lima (Zé Pereira) – zabumba  
 Edmilson/Pablo César – tarol

 A banda começou em Varzinha, distrito de Custódia, no Sertão do Moxotó.

### BANDA DE PÍFANOS DOS NICÁCIO

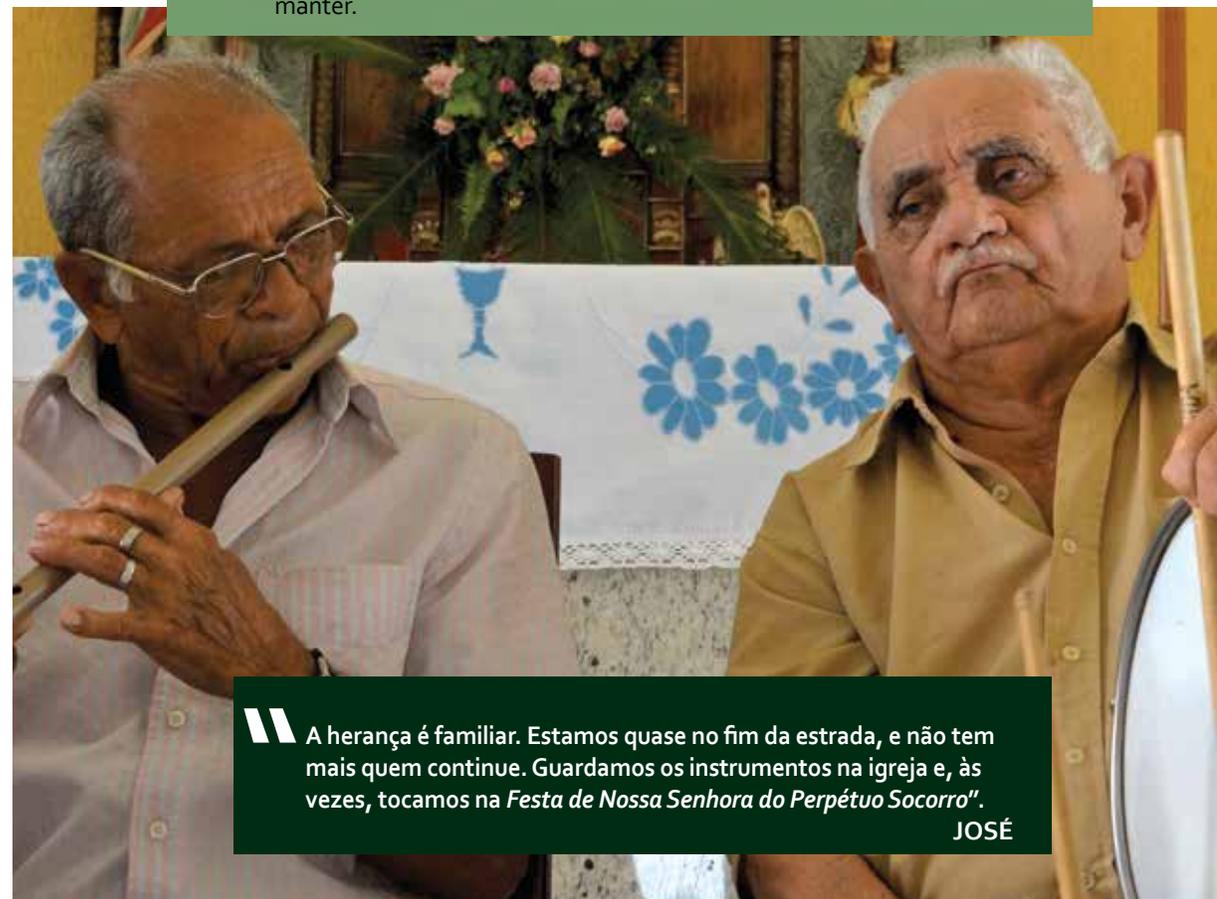
 LOCALIZAÇÃO: Tabira

 FUNDAÇÃO: Fundada na década de 1930

#### INTEGRANTES:

José Correia Brasil (Zé do Pífano/Zé de Marta) – primeiro-pífano  
 Zequinha Ferreira do Nascimento (Zequinha do Pífano) – segundo-pífano  
 João Severino – zabumba  
 João Nicácio Pereira – caixa

 Criada por pessoas do Agreste que chegaram ao Sertão, a banda se apresentava em ofícios religiosos e recebia uma doação das igrejas para se manter.



“A herança é familiar. Estamos quase no fim da estrada, e não tem mais quem continue. Guardamos os instrumentos na igreja e, às vezes, tocamos na Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro”.

JOSÉ

Uma novena sem uma banda de pífanos é quase um velório.”  
JOSÉ CESÁRIO



### BANDA DE PÍFANOS FREI DAMIÃO

LOCALIZAÇÃO: Tabira

FUNDAÇÃO: Fundada na década de 1950

#### INTEGRANTES:

José Cesário da Silva Irmão (Zé Novo) – primeiro-pífano

Gabriel José de Brito – segundo-pífano

Sebastião Vitorino Leite – caixa

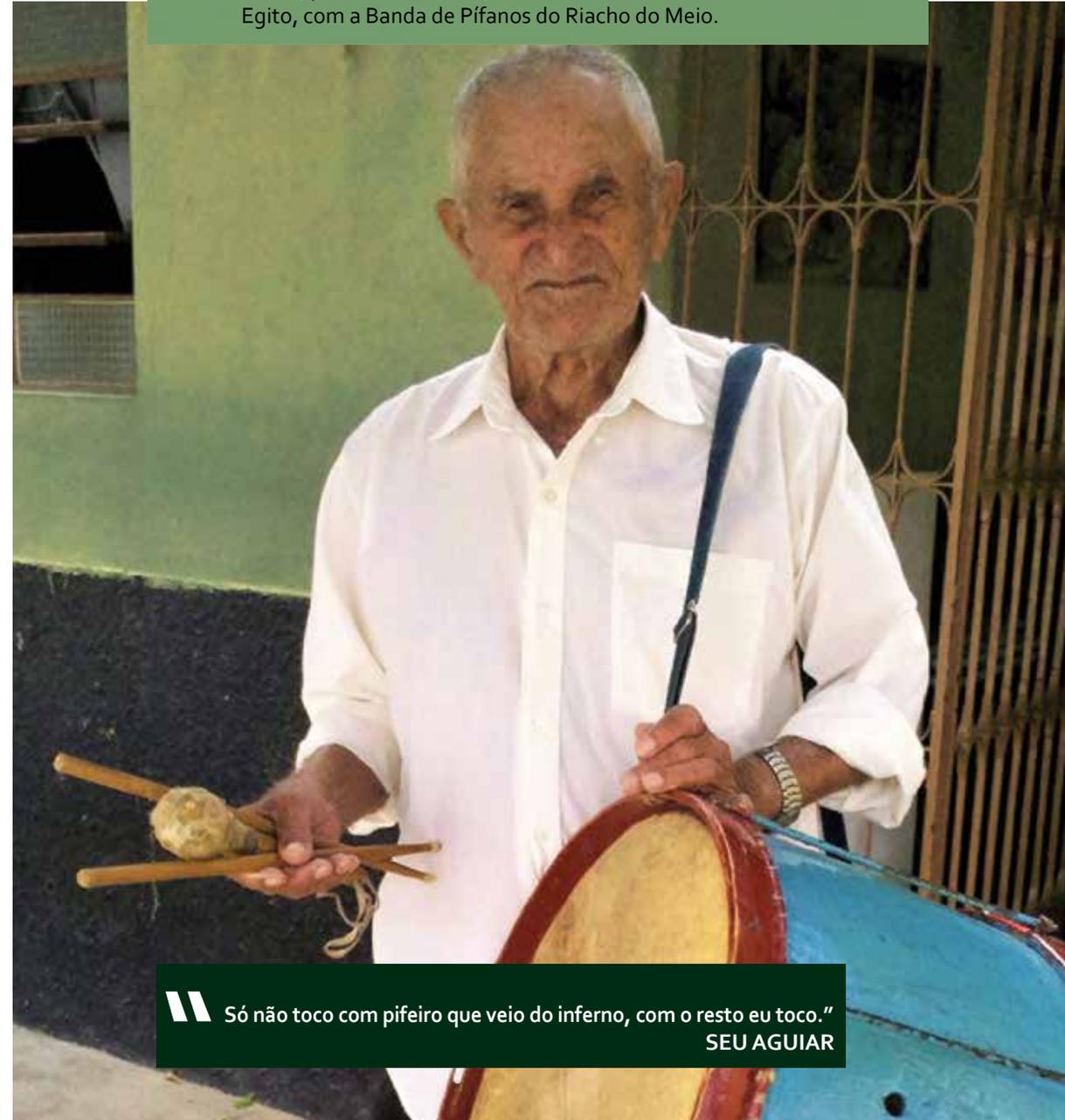
Valdemar Clemente Ferreira (Ferrinho) – zabumba

A formação atual tem músicos de várias outras bandas. O grupo participa, principalmente, de festas religiosas.

### UMBELINO AGUIAR SOBRINHO (SEU AGUIAR) O ZABUMBEIRO MAIS ANTIGO DA REGIÃO

LOCALIZAÇÃO: Tabira

Seu Aguiar tem uma zabumba feita do tronco do tamboril e substituiu o caroa por tarraxas, pois diz que facilita a afinção. Tocou, por diversas vezes, na festa universitária de São José do Egito, com a Banda de Pífanos do Riacho do Meio.



Só não toco com pifeiro que veio do inferno, com o resto eu toco.”  
SEU AGUIAR



“Hoje o que temos na comunidade foi feito com nossa arte. Criei meus filhos com o pife.”  
JOSÉ ALFREDO

### BANDA RAÍZES TRAVESSÃO DE CAROÁ

 LOCALIZAÇÃO: Carnaíba

 FUNDAÇÃO: Fundada em 1940

#### INTEGRANTES:

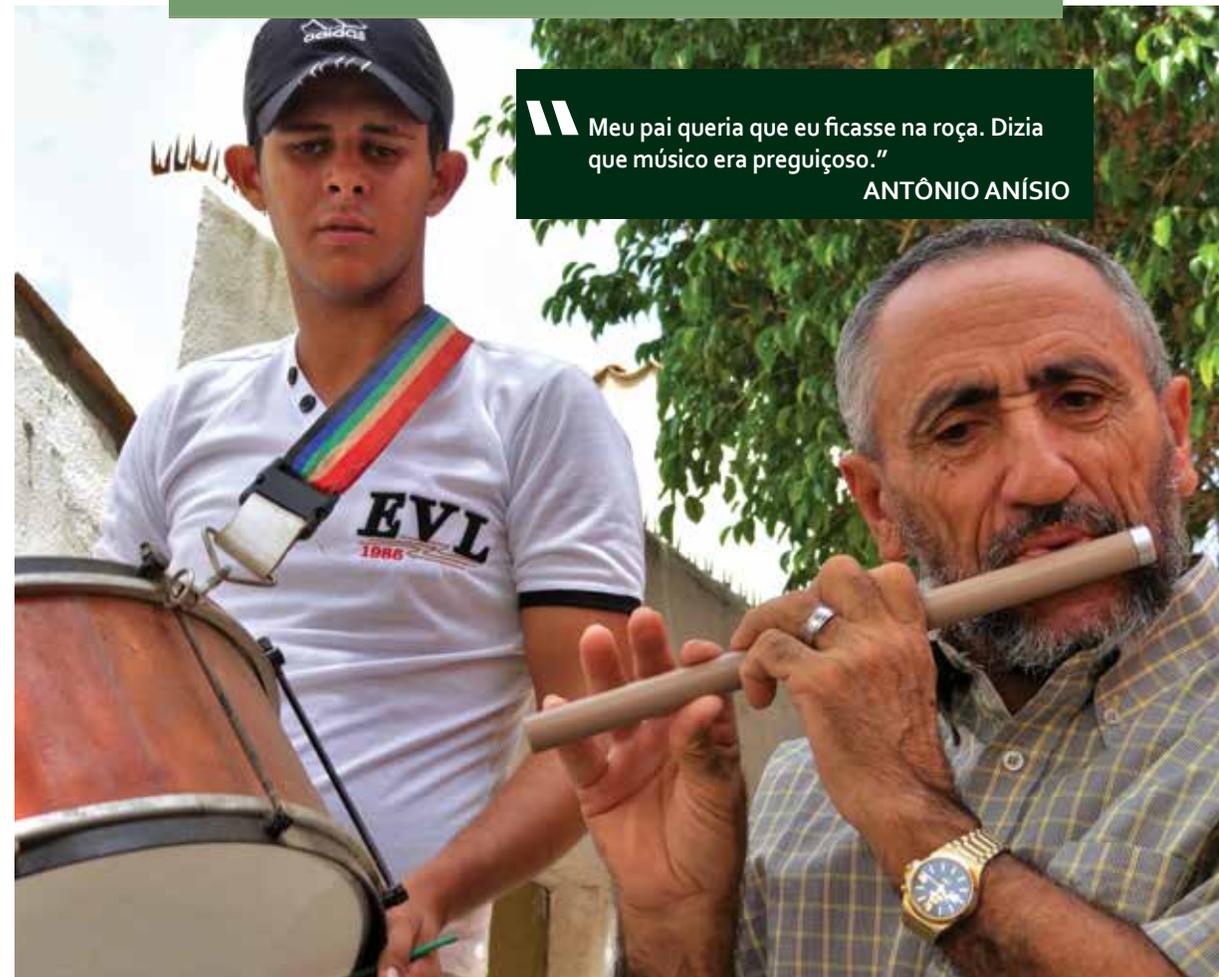
José Alfredo Vito da Silva (Dezinho) – primeiro-pífano  
Agenor Alfredo da Silva – segundo-pífano  
Braziliano Alfredo da Silva (Ziza) – zabumba  
Francieudes – caixa  
Edmilson José Vito da Silva – pratos

 Dezinho se dedica a ensinar às crianças da comunidade de Travessão do Caróá a arte do pífano, interessado em manter a expressão musical das bandas. Na região, também há grupos de coco e caboclinhos.

### ANTÔNIO ANÍSIO DA SILVA (ANTÔNIO BARBEIRO)

 LOCALIZAÇÃO: Carnaíba

 Antônio faz pifanos, toca sanfona, violão e também é barbeiro. Por falta de estímulo do pai, não seguiu a carreira de músico.



“Meu pai queria que eu ficasse na roça. Dizia que músico era preguiçoso.”  
ANTÔNIO ANÍSIO



“ O pífano não se aprende rápido. É um pedaço de cano que tem que ter intimidade com ele; tem que estar sempre soprando pra ouvir o som.”  
ANTÔNIO DE PÁDUA

### ANTÔNIO DE PÁDUA LIMA (ANTÔNIO GITIRANA)



LOCALIZAÇÃO: Carnaíba



Gitirana é professor. Conta que, além do saxofone e da flauta transversal, os alunos da escola local têm aulas de pífanos.

### UM SONHO DE SER PIFEIRO

Comecei a trabalhar  
Ainda era um molecote  
Praticava pouco esporte  
Não aprendi a jogar bola nem a nadar  
A vontade era de tocar  
Mas eu não tinha dinheiro  
Era filho de carpinteiro  
E um instrumento nunca comprava  
Mas de vez em quando sonhava  
Que era um grande pifeiro

Aí eu fui crescendo  
Meus instrumentos inventando  
Em vez de tá lá fora brincando  
Eu tava era aprendendo  
E cada vez mais querendo  
Ficava lá no terreiro  
Com uma folha e duas cascas de marmeleiro  
Em qualquer coisa tocava  
Mas de vez em quando sonhava  
Que era um grande pifeiro

O tempo ia passando  
Mas eu não desistia  
Tocar era o que eu mais queria  
Eu ia acompanhando  
Os pifeiros e escutando  
O segundo e o primeiro  
Eu vendo os dedos ligeiros  
Isso me inspirava  
Mas de vez em quando eu sonhava  
Que era um grande pifeiro

Aprendi de tudo um pouco  
Mas não pensava em parar  
Continuei a estudar  
Já me chamavam de louco  
Quería sair no soco  
Uma vez com o padeiro  
Por causa de um pandeiro  
Mas quase que eu apanhava  
Mas de vez em quando sonhava  
Que era um grande pifeiro

Aprendi um pouco bateria  
Aprendi a marcar compasso  
Só precisava de espaço  
Era o que eu pedia  
Tocar era o que eu mais queria  
Trabalhava de pedreiro  
Passava fora o dia inteiro  
E ainda praticava  
Mas de vez em quando eu sonhava  
Que era um grande pifeiro

Ainda toquei violão  
Toquei cavaquinho  
Discuti com o vizinho  
Teimava com meu irmão  
Não queria outra profissão  
Terminei sendo barbeiro  
Hoje eu ganho meu dinheiro  
Mas continuo praticando  
E vou continuar sonhando  
Que um dia vou ser um grande pifeiro

ANTÔNIO DE PÁDUA



## BANDA DE PÍFANOS SANTO ANTÔNIO



LOCALIZAÇÃO: Carnaíba



FUNDAÇÃO: Fundada em 1902

### INTEGRANTES:

Antônio Pedro Sobrinho (Antônio Pifeiro) – primeiro-pífano

Expedito Pedro da Silva – segundo-pífano

Geneci Antônio da Silva – zabumba

José Carlos da Silva – caixa

Luiz Pedro Sobrinho – pratos



Banda de herança familiar. É referência para outros grupos da região. Antônio Pifeiro fez um poema para descrever sua trajetória.



Eu nasci a 10 de janeiro  
do ano de 47

Sou filho de José Pedro  
agricultor do Nordeste  
O homem mais tocador  
do Sertão e do Agreste

Quando eu tinha 12 anos  
já trabalhava com a enxada  
de tanto limpar mato  
tenho minhas mãos calejadas  
Morava numa casinha de taipa  
bem na beira da estrada  
Vou lhe contar minha arte  
quando foi que começou  
eu tinha 16 anos  
quando meu pai me ensinou  
Ele toca, eu também toco  
nós somos agricultor

Escrevi este poema  
sou matuto do Sertão  
trabalho muito na roça  
com a enxada na mão  
plantando milho, batata  
mandioca e feijão  
Eu me criei em Pernambuco  
em Carnaíba, no Sertão  
Faço pife e a zabumba  
que é a minha tradição  
é a coisa mais cultural  
que tem dentro do artesão

Faço pife e toco nela  
Faço a zabumba e toco nela  
pra tocar dentro das festas  
que tem dentro das capelas  
pros matutos rezador  
que faz novena dentro dela  
Só aprendi a tocar pife  
que é raiz da natureza  
pra tocar com minha bandinha  
lá na frente das igrejas  
tocando pros padroeiros  
olhando para as belezas

Já andei muito a pé  
montado até em jumento  
subindo serra e ladeira  
no meu maior sofrimento  
pra ganhar pouco dinheiro  
e mostrar o meu talento  
Escrevi este poema  
desculpe se não prestou  
eu não nasci rico, só sou pobre  
mas na arte tenho valor  
e levar o meu saber  
pra todo canto que vou

E agradeço a Jesus Cristo  
que é o pai da criação  
que me deu a inteligência  
de hoje eu ser um artesão  
E agradeço a meu pai  
que me ensinou a profissão  
Por isso escrevi assim  
Sou um matuto do Sertão.”

ANTÔNIO PEDRO

“Hoje eu toco até música sertaneja pra agradar o público, mas antes era só novena.”  
ARLINDO JOAQUIM

### BANDA DE PÍFANOS DO MESTRE ANTÔNIO

 LOCALIZAÇÃO: Carnaíba

 FUNDAÇÃO: Fundada no início do século 20

#### INTEGRANTES:

 Arlindo Joaquim de Souza – primeiro-pífano  
Luiz Carlos – segundo-pífano  
Renato Cordeiro de Souza – zabumba  
Lindomar Cordeiro de Souza – caixa

 Nessa banda de formação familiar, Arlindo começou com 12 anos; os mais velhos foram morrendo, e hoje ele é o líder do grupo.

### BANDA DE PÍFANOS RIACHO DO MEIO

 LOCALIZAÇÃO: São José do Egito

 FUNDAÇÃO: Fundada em meados do século 20

#### INTEGRANTES:

 José Gonçalves da Silva (Zequinha do Pife) – pífano  
Daniel Guimarães da Costa – zabumba  
José Mendes da Silva (Preto) – caixa  
Paulo Leite Maximiano – triângulo

 Tudo começou nas novenas e tocando de ouvido. O canudo da folha de jerimum era o primeiro aprendizado.



“Eu sei que sou analfabeto, mas nesse instrumento eu toco qualquer música.”  
JOSÉ GONÇALVES



## BANDA DE PÍFANOS NOSSA SENHORA DE LOURDES



LOCALIZAÇÃO: Solidão



FUNDAÇÃO: Fundada em 1930



### INTEGRANTES:

Gabriel José de Brito (Gabriel Justino) – primeiro-pífano  
 Manoel Vicente da Silva (Neco Vicente) – segundo-pífano  
 José Vanilson Vicente da Silva – zabumba  
 José Vianês de Brito – caixa  
 José Ivan Porfírio de Brito – pratos



Grupo de formação familiar, surgiu na zona rural de São José.  
 Suspendeu as atividades em 2015.

A Banda de Pífano N. S. de Lourdes foi fundada no Sítio Caldeirão Grande deste Município de Solidão PE. mais ou menos no ano de 1930 com os componentes que não se encontra mais, já são falecidos - Sirilo Ângelo de Brito - José Justino de Brito - Antônio Nogueira e Arcelino Nogueira - na época ~~era~~ a banda tinha seu nome original Banda Cabaçal composta com 2 Pífano Feito de Taboá - Bombo e Caixa Feito de um trabalho artesanal - 1 Tambor de madeira - couro de Bode e corda - Teve muitos participantes que também já são falecidos - Tenório Nogueira - Feliciano Nogueira - Sebastião Ângelo de Brito - Luís Ângelo de Brito

Hoje está no comando de Gabriel José de Brito - e Manoel Vicente com o título de Banda de Pífano N. S. de Lourdes depois de termos gravados alguns DVDs e CDs e por ser tradicional aqui no Município de Solidão - terra da Santa N. S. de Lourdes

Avisando também que estamos encerrando nossa carreira - estamos velhos e fazemos um apelo para os jovens manterem a tradição

Assina Gabriel

“A Banda de Pífanos Nossa Senhora de Lourdes foi fundada no Sítio Caldeirão Grande, neste município de Solidão/PE, mais ou menos no ano de 1930 com os componentes que não se encontram mais, já são falecidos – Sirilo Ângelo de Brito, José Justino de Brito, Antônio Nogueira e Arcelino Nogueira. Na época, a banda tinha o seu nome original: Banda Cabaçal, e era composta por dois pífanos feitos de taboá, bombo e caixa (feita de um trabalho artesanal), um tambor de madeira, couro de bode e corda. Teve muitos participantes que também já são falecidos – Tenório Nogueira, Feliciano Nogueira, Sebastião Ângelo de Brito, Luís Ângelo de Brito. Hoje está no comando de Gabriel José de Brito e Manoel Vicente, com o título de Banda de Pífanos Nossa Senhora de Lourdes depois de termos gravados alguns DVDs e CDs e por ser tradicional aqui no município de Solidão, terra santa de Nossa Senhora de Lourdes. Avisando também que estamos encerrando a nossa carreira – estamos velhos e fazemos um apelo para os jovens manterem a tradição.

Assina, Gabriel.”



“As bandas não tinham um nome como hoje. Dei esse depois da morte do meu pai.”  
FRANCISCO

### BANDA MARAVILHOSA DE SANTA ROSA

 LOCALIZAÇÃO: Ingazeira

 FUNDAÇÃO: Fundada em meados do século 20

#### INTEGRANTES:

José Wildo da Rocha – primeiro-pífano  
Francisco Marques Evangelista – segundo-pífano  
Josefa Marques Evangelista – zabumba  
Rosa Marques Evangelista – caixa

 Herança familiar. A banda é liderada por Francisco Evangelista, que aprendeu a tocar o pífano com o pai, aos 8 anos de idade.

### BANDA DE PÍFANOS SÃO JOSÉ

 LOCALIZAÇÃO: Ingazeira

 FUNDAÇÃO: Fundada na década de 1950

#### INTEGRANTES:



Lindolfo Liberal de Freitas (Dolfo) – primeiro-pífano  
João Pajeú – segundo-pífano  
Cícero de Zé Bento/Antônio dos Santos/Lindecir – zabumba  
Moreninho/Cícero de Zé Preto – caixa



Dolfo começou tocar pífano por acaso. Era zabumbeiro, mas teve que substituir um pifeiro numa festa de São José e não parou mais.



“Hoje, a banda da cidade (filarmônica) tá tomando o lugar da banda de pífano, mas acho que tem lugar pras duas.”  
LINDOLFO



“ Com 12 anos, eu fazia os pifes com gomo da mamona e batia em latas.”  
**DARCILO**

### BANDA DE PÍFANOS SÃO SEBASTIÃO

LOCALIZAÇÃO: Iguaraci

FUNDAÇÃO: Fundada na década de 1950

#### INTEGRANTES:

Darcilo Martins Pereira (Darcilo Coveiro) – primeiro-pífano  
 Severino Lopes Cardoso (Biu Cardoso) – segundo-pífano  
 Alfredo Feliciano da Silva (Alfredo da Zabumba) – zabumba  
 Cícero Goes – caixa

Darcilo fabrica pifanos e doa os instrumentos para escolas da região, como forma de manter a tradição das bandas de pifanos.

### BANDA DE NOSSA SENHORA DE SANT'ANA

LOCALIZAÇÃO: Triunfo

FUNDAÇÃO: Fundada na década de 1980

#### INTEGRANTES:

Romualdo Ferreira da Silva (Peba) – primeiro-pífano  
 Cristóvão Luiz Santos Siqueira (Totó) – segundo-pífano  
 Antônio Alves da Silva (Tonho de Vó) – zabumba  
 José Souza da Silva Filho (Dedim) – caixa

A banda atual é formada por descendentes dos integrantes de bandas antigas de Jericó, que existem na região desde o início do século 20.



“ É coisa de tradição. O pessoal acompanha a procissão, mas, quando é com a banda de pife, a festa fica melhor.”  
**ANTÔNIO ALVES**

# SERTÃO CENTRAL

## BANDA DE PIPE REI DO SERTÃO



LOCALIZAÇÃO: Verdejante



FUNDAÇÃO: Fundada no início de 2000



### INTEGRANTES:

Eleno Pedro de Oliveira (Eleno do Pife) – primeiro-pífano

Cícero Antônio de Souza – segundo-pífano

Luciano Expedito de Oliveira – zabumba

Raimundo Expedito de Oliveira – caixa



A banda está localizada no assentamento Nossa Senhora Aparecida II. Apesar de terem aprendido a tocar pífano com o pai, ainda na infância, os irmãos agricultores Eleno e Cícero montaram o grupo já adultos.



"A gente tem vontade de andar o mundo tocando pifanos."  
CÍCERO JOÃO





“Tanto faço como toco a zabumba. Comecei há mais de 60 anos. Morreram os familiares que tocavam comigo, e só ficou eu.”  
ULISSES JOÃO

### BANDA DE PIPE DO MESTRE ULISSES DO SÍTIO ALTOS

 LOCALIZAÇÃO: São José do Belmonte

 FUNDAÇÃO: Fundada em meados do século 20

#### INTEGRANTES:

Heleno Silvino da Silva – primeiro-pífano  
Cícero João Gabriel (Cícero de João Cícero) – segundo-pífano  
Ulisses João da Silva (Mestre Ulisses) – zabumba  
Audílio Aluizio de Souza (Nego Dilo) – zabumba  
Adriano Ulisses da Silva (Diano) – caixa

 Sr. Ulisses tocou na banda desde 1949 juntamente com Antônio Tiatônio (primeiro-pífano), Pedro Conrado (segundo-pífano) e Manoel de França, conhecido por Manoel Silviano (caixa). Em 1992 a banda passou a se chamar Banda de Pife do Mestre Ulisses do Sítio Altos.

### BANDA DE PÍFANOS CONCEIÇÃO DAS CRIULAS

 LOCALIZAÇÃO: Salgueiro

 FUNDAÇÃO: Fundada aproximadamente em 1914

#### INTEGRANTES:

 Mariano João da Silva – primeiro-pífano  
João Antônio de Oliveira (João Preto) – segundo-pífano  
João Antônio da Silva – segundo-pífano  
Andrelino Neto da Silva – zabumba  
Marcelo Paulino da Silva – caixa

 A banda está concentrada em Conceição das Crioulas, comunidade afrodescendente que preserva o artesanato e expressões artísticas como a banda de pífanos e a dança do trancelim.



“Se eu ouço a pancada da zabumba, eu corro e venho treinar.”  
MARIANO JOÃO



“Esse tambor não se acaba, não.  
Meu pai comprou por 200 mil-réis.”  
FRANCISCO

### BANDA CABAÇAL

 LOCALIZAÇÃO: Serrita

 FUNDAÇÃO: Fundada no começo do século 20

#### INTEGRANTES:

 Francisco Rozo Monteiro (Chico Rozo) – primeiro-pífano  
Pedro Rozo – segundo-pífano  
Joaquim Vieira Monteiro (Joaquim Rozo) – caixa  
Manuelzinho Figueredo – zabumba

 CURIOSIDADES: A zabumba do grupo foi comprada pelo pai de Chico Rozo, atual pifeiro, em 1942. Acredita-se que, na época, o instrumento já era bem antigo.

### BANDA DE PIFE DOS LIBERATOS

 LOCALIZAÇÃO: Serrita

 FUNDAÇÃO: Fundada entre o fim do século 19 e início do século 20

#### INTEGRANTES:

 Damião Liberato – primeiro-pífano  
José Liberato de Souza (José Liberato) – segundo-pífano  
A percussão não tem formação fixa.

 De herança familiar, a banda surgiu com o avô de Damião Liberato, atual pifeiro. Na década de 1960, o pai e um tio dele assumiram o grupo.

“Essa é uma tradição velha do meu povo.  
Então o que me motiva é isso.”  
DAMIÃO



“O pife traz muita emoção pras pessoas. Quando a gente toca uma reza, o povo começa a chorar.”  
JOSÉ JOÃO



## BANDA DE PÍFANOS ALVORADA DE SANTA RITA



LOCALIZAÇÃO: Parnamirim



FUNDAÇÃO: Fundada, aproximadamente, em 1989

### INTEGRANTES:

José João da Silva (Zé do Fole) – primeiro-pífano

Antônio João da Silva (Antônio do Pife) – segundo-pífano

Audizio Gerônimo da Silva (Dida) – zabumba

Raimundo Cruz Quirino – caixa

Jorge Tadeu Lúcio da Silva – triângulo

Florivaldo Jordão Oliveira (Baiano) – representante da banda



O grupo tem dois CDs gravados e já promoveu uma oficina para ensinar a arte dos pifanos para crianças da região. A banda utiliza os pratos em festa de forró.

001

PRESERVAÇÃO

Em boa parte da jornada Sertão adentro, a pesquisa encontrou relíquias guardadas por mestres e tocadores: instrumentos centenários empoeirados, guardados em armários e estantes, sem que o atual dono tivesse condições ou conhecimento para restaurá-los e colocá-los em funcionamento. O mais comum é eles comprarem novos instrumentos e aposentarem os antigos.

É muito importante para a memória e compreensão da história das bandas que os instrumentos mais antigos estejam em condições de uso e apreciação, principalmente para que as gerações mais novas conheçam a sonoridade e a aparência dos instrumentos originais das bandas de pífanos, sensivelmente diferentes das de hoje, tanto pelo material utilizado como pela forma de afinação.

Para se ter uma ideia da durabilidade do material e da perícia que os mestres artesãos usavam no fabrico, as zabumbas, caso mais comum de instrumentos originais encostados por falta de manutenção, normalmente datam da fundação das bandas.

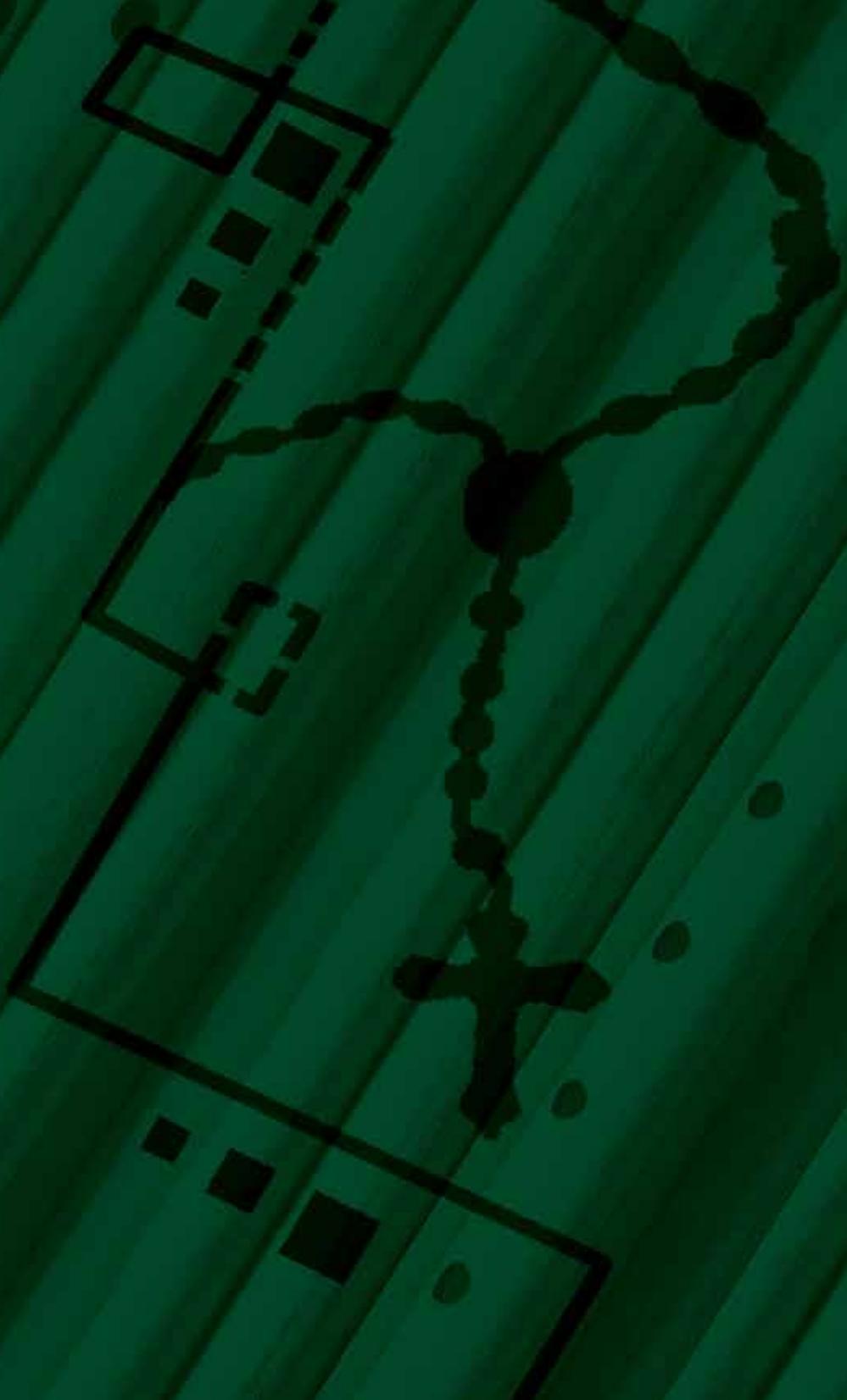
Por ter parte de sua estrutura feita com couro e fibra vegetal e por conta do uso constante das intempéries do



tempo, as zabumbas se desgastam, e as peças de reposição se tornam escassas ou inacessíveis. Um exemplo disso são as zabumbas e os caixas feitos com o tronco do tamboril, árvore centenária, hoje protegida pelas leis ambientais – a impossibilidade do seu uso faz com que haja uma substituição ou reparos do material original por similares.

Outra parte que traz dificuldade na preservação é o couro usado no tímpano do instrumento, que é substituído mais facilmente quando são utilizados tampos de nylon, além da facilidade de afinação que os instrumentos modernos propiciam. Um instrumento de couro precisa ser aquecido próximo a uma fogueira e ter as cordas bem amarradas na lateral do instrumento para garantir afinação e volume ideais. Num instrumento moderno, basta que se apertem uns parafusos para tal. Vale lembrar que os sons dos instrumentos originais são bem diferentes dos mais recentes – em alcance sonoro e afinação.





NOVENAS

## Bendito de São José

Meu Divino São José  
Pela cruz que traz na mão,  
Nem de fome nem de sede  
Não mate seus filhos, não

Quem quiser fazer promessa  
Só faça com São José  
Que ele é um santo milagroso  
Pela vossa santa fé

Quem tiver suas orações  
Só faça de coração  
Que de uma hora por diante  
Vem a chuva de Deus no chão  
Meu Divino São José  
Pela cruz que traz na mão

Nem de fome nem de sede  
Não mate seus filhos, não  
Quem quiser fazer promessa  
Só faça com São José  
Ele é um santo milagroso  
Pela vossa santa fé



**U**ma novena corresponde a uma série de 9 dias. De origem católica, normalmente é dedicada ao louvor à Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), mas também dá espaço aos santos, à Virgem Maria e à renovação de votos e pagamento de promessas. Costumam durar 9 dias, mas variam em tempo de acordo com a celebração. A citação do rosário e o terço são elementos presentes nas novenas desde que o cristianismo foi institucionalizado. A população rural, que vive à mercê do clima e das estações do ano, criou o hábito de pedir chuva para boas colheitas e agradecer as graças alcançadas em anos anteriores através do novenário. Essa celebração durante muito tempo era a única celebração lúdica de várias comunidades; respeitado o ritual, havia espaço para dança, jogos e paquera.

As atividades da banda de pífano no novenário formam uma sequência bastante complexa: existe uma coreografia chamada *venha*, ou *venia*, ou *venda*, onde a banda toca curvando-se diante do altar em coreografias e movimentos cerimoniais, com variações entre o cruzamento dos músicos diante do altar – de acordo com a hierarquia dentro da banda. Associados ao movimento de reverência estão os benditos, músicas que reverenciam santidades específicas – entre os mais famosos estão os belíssimos benditos de Padre Cícero, São Sebastião, São José e Santa Luzia, muito difundidos no Sertão. No intervalo entre vênias e rezas, os músicos tocam aguardando as refeições.

É nas novenas, quando as bandas tem a oportunidade de tocar por horas a fio, que acontece a maior parte do processo de aprendizagem: durante a festa, os componentes da banda podem trocar de instrumentos entre si, dando a oportunidade de que eles evoluam e dominem todas as variantes da formação – é nesse tipo de relação que os futuros mestres começam a ser formados e conhecidos, principalmente se ele se mostra virtuoso em mais de um instrumento. Além dos próprios músicos da banda, em pausas ocasionais, pessoas de fora da banda (normalmente jovens) têm a oportunidade de conhecer e tocar algum instrumento.

É um processo bastante complexo, pois existe uma hierarquia em relação ao mestre da banda – normalmente um pifeiro, mas não raro um zabumbeiro – de idade e musicalidade e também entre os instrumentos. Os pifanos estão no topo, sendo o primeiro-pife o responsável pelos solos da música e das variações mais complexas; o segundo-pífano “acompanha e preenche” o primeiro e é primordial na harmonia da banda; seguidos do caixa, da zabumba e dos pratos.

Não é só na vênia que a banda de pífano tem participação nas novenas, a banda faz o cortejo com a imagem do santo pela comunidade pedindo donativos para custear a festa; tocam quando se ergue a flâmula que identifica o motivo da novena na frente da casa do noiteiro (responsável pela festa) e daí começam as rezas que duram o dia inteiro; no final do dia as bandas tocam no leilão, quando os donativos arrecadados no cortejo anterior à novena são vendidos e destinados ao custeio da festa.

No final do novenário a banda serve de entretenimento aos presentes, tocando músicas que não têm, necessariamente, teor religioso. Em todas as etapas há uma forma de a banda tocar e acompanhar as rezas e reverências.

É nessas festas que grupos encontram espaço para divulgar seus dotes musicais – quesitos como resistência dos músicos a longas horas de festa, riqueza de repertório e performance são contados para que um grupo atinja renome local. Quanto mais renomada a banda, maior é o número de novenas a que são chamadas; algumas até conseguem contratos com paróquias. Mas nem sempre as bandas recebem qualquer retorno financeiro – em ocasiões de pagamento de promessa por famílias carentes, a depender do santo, da promessa e da família, não é difícil encontrar bandas que toquem de graça.

A mistura de devoção e profissionalismo é um desafio a muitos pifeiros da atualidade. Os tocadores têm dificuldades em encontrar jovens interessados nessa tradição, grande parte por causa da baixa remuneração das bandas e, principalmente, por causa da chegada dos novos meios de comunicação nas regiões rurais. Esses meios prendem a atenção dos jovens e levam até eles novas realidades artísticas e profissionais, que fazem com que eles se interessem mais por músicas e bandas divulgadas pela rádio, televisão ou internet do que pelas bandas de pífano.

Frequentemente mestres antigos se queixam de que as novelas e bandas de forró eletrônico têm acabado com a tradição local, arrastando os jovens para o consumismo e o desrespeito aos antigos.



COMO

OPINIÕES

“Quem foi que disse? Professor de que matéria?  
 Que o Sertão tem só miséria, que só é seca e penar  
 Que é a paisagem da caveira de uma vaca  
 Enfiada numa estaca  
 Fazendo a fome chorar

Não pode nunca imaginar o som que brota  
 Da cantiga de uma grotta  
 Quando a chuva cai por lá  
 O cheiro verde da folha do marmeleiro  
 E o amanhecer catingueiro  
 No bico do sabiá...

(Poeta Lamartine Passos)

Quando se fala sobre o sertanejo do Nordeste do Brasil, vêm rapidamente as imagens estigmatizadas pelos meios de comunicação, principalmente pela televisão, das caveiras de animais na beira da estrada, a cara sofrida e enrugada dos lavradores, os barreiros secos com a terra rachada.

Os versos do poeta pajezeiro Lamartine Passos dizem justamente o contrário. O Sertão não tem só mandacaru, tem poesia e muita arte. Acrescento com humildade, aos versos do poeta, as tradicionais zabumbas, as bandas cabaçais, as bandas de pífanos, como são também conhecidas na região. Essa forma de expressão musical, aparentemente simples, está encruada na cultura do sertanejo, presente nas festas religiosas (novenas e procissões) e nos festejos pro povo dançar através dos ritmos nordestinos, como o forró, o arrasta-pé, o baião, entre outros. Uma certa vez estávamos

voltando do Rio Grande do Norte para o Recife e encontramos na estrada o mestre sanfoneiro Dominginhos, que nos afirmara que as bandas de pífes tiveram uma influência grande na musicalidade do Rei do Baião, Luiz Gonzaga – era o que ele mais ouvia durante a infância nas festas do Sertão.

A primeira imersão que fiz pelo Sertão pernambucano foi na década de 1980 quando saí do Recife rumo a Petrolina (Sertão do São Francisco), regressando, pernoitei em várias cidades. Fiquei quase 1 mês nessa lida. Depois voltei seguidas vezes em missões culturais. Para mim é sempre motivo de muita satisfação retornar ao Sertão, lugar de uma cultura tão rica e um povo aprazível. Vivenciar tudo isso é uma experiência que levo pro resto da vida. Conviver com os costumes do sertanejo, suas comidas, seu sotaque e sua arte é de uma riqueza imensurável.

O início da pesquisa realizada por esta equipe sobre os pífanos de Pernambuco aconteceu na região do Agreste Central, publicada em 2014, e distribuída em formato de livro para cerca de duzentas escolas públicas do Estado, além de ser lançada em eventos do gênero literário. Essa primeira fase nos revelou importantes informações sobre essa forma de expressão musical e, ao mesmo tempo, gerou um pouco de ansiedade para que chegássemos logo à próxima fase da pesquisa: o Sertão. Tínhamos vontade e grande curiosidade de aprofundar os conhecimentos acerca do pífono com mais essa etapa, fazer analogias entre as regiões pesquisadas, conhecer melhor sobre o fazer musical das bandas sertanejas e a relevante descoberta das bandas nas comunidades afrodescendentes. Sabíamos da importância histórica do Sertão com relação à temática devido a depoimentos de alguns mestres convidados durante o *Tocando Pífanos* (encontro de bandas de pífanos realizado em Olinda

desde 2011), mas entrar neste universo foi deveras gratificante e encantador. Poder conhecer mestres que tiveram o primeiro contato com o instrumento por meio de pifes artesanais, feitos ainda na infância, de mamona ou carrapateira (planta que tem um canudo e que emite um som parecido com uma flauta); conviver com esses músicos alheios a qualquer modismo, desprezados pela mídia e pela falta de políticas públicas para a cultura, mas que conseguiram fazer festas nos seus lugarejos, sítios e comunidades mais remotas, foi um verdadeiro aprendizado para a equipe.

Os caminhos percorridos nesta pesquisa, incluindo os sertões do Moxotó, Pajeú e Central, são bem distantes uns dos outros, alguns de difícil acesso, porém, belos na geografia e na recepção dos moradores para com a gente. Arcoverde, Sertânia, Custódia, Betânia, Solidão, Carnaíba, Tabira, São José do Egito, Afogados da Ingazeira, Triunfo, Serra Talhada, Igaraci, Ingazeira, Salgueiro, Serrita, Verdejante, Parnamirim, São José do Belmonte são as cidades mapeadas. Foram cerca de 3.000 km percorridos em estradas de terra e asfalto, vegetação de caatinga, muitas pedras no caminho, serras, onde por vezes nos perdemos, mesmo em algumas ocasiões acompanhados com guia local, tornando a chegada mais longa ao nosso objetivo. As distâncias parecem maiores, de forma que 25 km de estrada por terra passam a sensação de que foi percorrido o dobro, a viagem fica mais cansativa. Encontramos gente simples, a maioria lavradores ou ex-lavradores. Nas pequenas casas, as imagens dos santos venerados penduradas na parede, como Santo Antônio, São Sebastião, São

José, Nossa Senhora da Conceição, entre outros. Vale salientar que entre essas imagens, mesmo não sendo santificado, encontramos bastante a de Padre Cícero ou “do meu Padim Padre Ciço”, como é carinhosamente chamado o beato, que, de tão venerado, toda banda toca o bendito em sua homenagem.

Estivemos com bandas que possuíam zabumbas centenárias feitas de tamboril (planta), cordas de caroá e couro de bode. Belos repertórios que vão das rezas nas novenas ao forró pra dançar agarradinho. Mestres que começaram o aprendizado cedo, ainda criança, entre 8 e 12 anos de idade, dentro da própria família, com o avô, o pai, o tio. A necessidade do repasse da tradição é de suma importância, correndo o risco de se acabar a tradição. Bandas em plena atividade e outras entregando o bastão ou mesmo desaparecendo.

O pífanos feito de taquara ou taboca (bambu) praticamente não existe mais na região, restando o PVC (plástico) para o músico soprar. Durante nossas visitas, levamos parselhas de pífanos de tabocas confeccionados pelo Mestre João do Pife de Caruaru e presenteávamos aos pifeiros, que se emocionavam com o presente.

Vamos mostrar, por meio das entrevistas e fotos com os integrantes das bandas mapeadas e pesquisadas, suas histórias de vida através da música.

Viva as bandas de pífanos!

*Amaro Filho*

Meu contato com os pifeiros e as bandas de pifes do Sertão do Pajeú começou cedo, tocando na Banda Filarmônica Santo Antônio, no município de Carnaíba, desde menino. Tocávamos em novenas e festas tradicionais de santos padroeiros, em vários municípios. As bandas de pifes das famílias Carreiro (Flores), Santo Antônio (Carnaíba) e Ramos (Itã) eram as que mais atuavam na região. Algumas bandas se acabaram com o tempo, e muitos pifeiros foram pra outras regiões do País em busca de trabalho. Poucos ficaram pra manter a família na comunidade e não deixar morrer uma tradição centenária (algumas com mais de 2 séculos). Além do aprendizado musical, esses artistas aprendem a fazer seus próprios instrumentos para animar as festas sacras e profanas e as festas particulares, em sítios, fazendas e cidades. Santo Antônio, São Pedro, São João, São Sebastião e São José são padroeiros de vários municípios do Sertão do Pajeú, que faz divisa com a Paraíba: São José do Egito, Tabira, Solidão, Carnaíba, Quixaba, Flores, Triunfo, Santa Cruz da Baixa Verde, Calumbi e Serra Talhada. Na divisa com os municípios de Sertânia e Custódia, na região do Moxotó, estão os municípios de Iguaraci, Afogados da Ingazeira, Carnaíba e Flores, dividindo as duas regiões, que têm um bom número de bandas negras.

O encontro das duas bandas – pifes e filarmônica – começou com a participação de ambas em novenas e trezenas (9 e 13 dias, respectivamente), onde cada dia o noiteiro, convidado pela comissão organizadora, tratava de organizar sua noite com queima de fogos e balões e contratava a banda de pife (também conhecida por *terno de zabumba* e *banda de couros*) e a banda de música (filarmônica). As bandas se encontravam na alvorada

(matina), às 6 horas da manhã; na queima de fogos, às 12 horas; às 18 horas; e depois da missa. O repertório bem variado mistura o sagrado e o profano, o bendito e o xote, a marcha e a procissão e o coco, tocando outros estilos como o baião, dobrado, maxixe, marcha, etc. Os pifeiros participavam de um leilão, que era realizado às 10 horas, para arrecadar fundos com a venda dos produtos. No dia principal, o encerramento era feito com a procissão e a missa, acompanhadas por pifeiros e músicos, tocando marchas de procissão e benditos, entre eles o de São José, São Sebastião e Padre Cícero, e músicas de compositores regionais, que faziam as marchas com o nome dos padroeiros de seu município. Em 1978 fui morar em São Paulo e tempos depois voltei a Carnaíba no período da festa de Santo Antônio, encontrando as mesmas bandas, os mesmos festejos. Fiz um registro em fita cassete da Banda de Pife Santo Antônio, isso em 1983, no mês de junho, composta pelo senhor José Pedro, o patriarca, e seus filhos, liderados por Antônio Pedro, que, além de fazer os arranjos, é um grande compositor. A família é composta por irmãos, tios, pais, netos e primos. Ganhei de presente um pife de PVC feito por seu Antônio, que me deu umas dicas sobre o instrumento. Em 2000, de volta a Carnaíba, com uma filmadora e um gravador, resolvi fazer um registro de algumas bandas da região do Pajeú, com a parceria de Antônio do Pife, que conhecia os caminhos dos sítios onde moram os pifeiros. Fomos a Ingazeira, Iguaraci, Brejinho, Afogados e Ibitiranga. Em Carnaíba, fomos até a região da Serra de Colônia, onde fica o distrito de Ibitiranga; depois nos dirigimos até o Riacho da Onça, município de Afogados da Ingazeira, pra localizar a família

Cardoso, uma família negra oriunda de Carapotós, em Caruaru, considerada a região de grandes pifeiros. A cerca de 20 km, na cidade de Iguaraci, encontramos o pifeiro Darcilo Coveiro e tratamos logo de pegar os instrumentos e fazer uma roda de pifes com o encontro entre dois dos grandes pifeiros do Estado de Pernambuco. *A briga do cachorro com a onça* é a música mais executada entre os grandes pifeiros. Ela testa o domínio do instrumento, com suas variações difíceis de executar, colocando em xeque a qualidade do executante. Estivemos em Brejinho de Tabira, finalizando nossa viagem.

Sempre de volta à região, visitava os pifeiros e, com eles, tocava e participava de programas de rádios e encontros de artistas. Foi em um encontro que conheci a banda de pife do Travessão do Caruá, da família Veneranda, que tem como líder, o pifeiro e compositor Dezinho, que, como Antônio do Pife e Darcilo Coveiro, é grande mestre do Pajeú. Com os constantes contatos com as bandas, fui aprendendo o repertório e várias coisas, como a diferença entre o repertório, o ritmo e as composições e, principalmente, a mistura de raça.

Existem bandas brancas, mestiças e negras, dependendo da região.

Nas proximidades da Serra da Borborema, terra dos índios cariris e de um povo muito galego (gente branca de olhos claros), europeu, que, fugindo do litoral, subiu o rio que nasce na Borborema (Paraíba, em Monteiro), seguiu o Moxotó, Piancó e Pajeú, onde se estabeleceu. Assim, as famílias têm traços europeus e indígenas. As bandas do Antonico e do Riacho do Curral Velho e a região de Tabira e São José do Egito mostram essa influência! No Caruá, onde ficam os municípios de Iguaraci, Afogados da Ingazeira, Carnaíba e Flores, a influência é africana,

quase não existindo gente de pele branca, pois a região, além de fértil, tem muitas serras, onde os escravos encontraram água e segurança pra fazer os quilombos.

As bandas da Carapuça, Saco da Onça, Travessão e Família de Joca Carreiro são da mesma região e têm um parentesco por serem descendentes dos escravos que chegaram na região do Caruá (Flores tinha pelourinho e comércio escravocrata). As bandas dessa área tocam o mesmo repertório, usando as batidas do ritmo africano e as danças, como o coco de roda.

Podemos encontrar instrumentos fabricados pelos pifeiros com matéria-prima da região, como é o caso do zabumba e tarol (caixa), que eram feitos do tronco do tamboril, couro de bode, cordas de agave e de uma planta conhecida como *rabo-de-cavalo*, escolhida pra fazer o aro. O pife é feito de PVC ou alumínio, fáceis de encontrar nas lojas de material de construção, já que, segundo os pifeiros, a taquara e o bambu só se encontram em Caruaru, onde são usados no artesanato, tornando o preço caro. As bandas de Santo Antônio e Antonico usam pifes de bambu, zabumbas e caixas tradicionais. A Banda Travessão usa pife de alumínio, zabumba e caixa industrializados. As demais usam pifes de PVC e materiais industrializados. O som do alumínio é penetrante e estridente, diferentemente do som do pife de bambu, que torna a sonoridade mais suave. A técnica usada pelos pifeiros difere de região pra região. A banda do Travessão usa compassos simples e compostos, como o 3x4, o 6x8 e o 6x4; a batida dos instrumentos de percussão mostra a influência de alguns compositores da região, como Zé Dantas (Carnaíba), Moacir Santos (Flores) e Luiz Gonzaga (Exu). A música nordestina tem influência fortíssima das bandas de pife, seja na melodia, seja no ritmo. O coco, o baiano, o bendito e, principalmente, o aboio são

elementos africanos e europeus que circulam na caatinga faz muito tempo. Luiz Gonzaga substituiu o terno de zabumba (dois pifes e zabumba) pelo trio pé de serra (sanfona, triângulo e zabumba).

O pife e a rabeca, que são amigos do zabumba, chegaram juntos ao Sertão por serem instrumentos que atuavam na Europa; vieram com os colonizadores de várias regiões deste continente, com os capuchinos e outras ordens que trabalharam na catequese dos índios da região.

Algumas bandas participam de eventos, como festivais, pelo interior nordestino, chegando a ganhar troféus, alcançando o primeiro lugar, como é o caso da Santo Antônio. Essa banda foi contemplada no projeto do Itaú Cultural, gravou um DVD e um CD em teatro na Avenida Paulista, em São Paulo, junto com outros participantes. Antônio do Pife tocou com a Banda Mantiqueira no Supremo Musical, também em São Paulo, e fez oficinas de pífano na Universidade Livre de Música (ULM), do Brooklin, na capital paulista. A Banda do Travessão foi contemplada com um ponto de cultura no lugar de mesmo nome. A Banda da Carapuça recebeu a visita do então Ministro da Cultura Gilberto Gil, que foi até a localidade lançar um CD feito em parceria com o Quinteto Violado.

Atualmente, essa banda tem apoio de projetos feitos por produtoras como a Página 21, que leva as bandas pra participarem de encontros como o feito em Olinda, todo ano. A Escola de Música de Carnaíba tem Dezinho como professor de pife no Sítio Travessão, mas poucas bandas têm CDs gravados, com exceção das bandas da Carapuça, Santo Antônio e Travessão, que somam dois CDs gravados. Poucos pifeiros usam a terceira oitava do instrumento, por ser muito aguda e ter posições diferentes na primeira e na segunda. O pifeiro Dezinho domina bem essa oitava, toca embelezando as músicas com vibrato, apogiaturas e glissandos com uma

técnica apurada, diferente dos demais pifeiros. Antônio do Pife é o grande compositor da região, tendo em suas composições frevo, xote, marcha, dobrado, baião, etc.

Na cidade de Carnaíba, tem o pifeiro Antônio Gitirana, que é poeta, professor de música e barbeiro. Maestro da Filarmônica Santo Antônio, é um grande compositor, tendo um repertório próprio. Os arranjos são feitos pelos mestres, que abrem as vozes em terças, sextas e raramente em quartas ou quintas, usando também o uníssono de oitavas. Às vezes, os pifeiros inventam as músicas na hora, pois são donos de uma percepção auditiva enorme e têm muita facilidade de criar um tema.

As composições e estilos são diferentes entre os três principais compositores do Pajeú.

Arpejos, escalas e apogiaturas são frequentes nas composições dos pifeiros; as tonalidades têm poucas alterações; bemóis ou sustenidos, lá menor, sol maior, dó, fá são tonalidades boas para tocar e compor; as formas e os temas são curtos, sendo repetidos várias vezes. São usados o modal e tonal.

Conheci Amaro em 2008, quando me mudei de Sampa pra Carnaíba. Ele soube que eu estava morando aqui no Sertão, me telefonou, me convidou pra ser palestrante, levou Travessão e Santo Antônio para o encontro em Olinda. Em 2014, saímos pelo sertão do Pajeú, com uma equipe da Página 21, estendendo a pesquisa de São José do Egito a Serra Talhada, passando por outros municípios, conhecendo várias bandas, pifeiros e zabumbeiros que estavam esquecidos nos grotões e brejos da região. Com o incentivo e salvaguarda desses projetos, a tendência é aumentar o interesse de jovens e crianças das zonas rural e urbana dos sertões nordestinos.

*Cacá Malaquias*



**PARTITURAS**

# Alvorada Bendito

Transcrição: Cacá Malaquias

Dezinho do Pife

## PIFE 1

Musical score for Pife 1, consisting of five staves of music in treble clef with a key signature of one sharp (F#). The piece begins with a repeat sign and a first ending bracket. The first staff contains the initial melody. The second staff continues the melody with a triplet of eighth notes. The third staff shows a change in rhythm and includes a fermata. The fourth staff features a 'D.S. al Coda' instruction and a fermata. The fifth staff concludes the piece with a final melodic phrase.

# Alvorada Bendito

## PIFE 2

Musical score for Pife 2, consisting of four staves of music in treble clef with a key signature of one sharp (F#). The piece begins with a repeat sign and a first ending bracket. The first staff contains the initial melody. The second staff continues the melody with a triplet of eighth notes. The third staff shows a change in rhythm and includes a fermata. The fourth staff features a 'D.S. al Coda' instruction and a fermata, concluding the piece.

# Alvorada

## Bendito

### CAIXA



5

10

15

20

D.S. al Coda

Musical score for Caixa in 6/8 time. It consists of five staves of music. The first staff starts with a repeat sign. The second staff has a measure number '5'. The third staff has a measure number '10'. The fourth staff has a measure number '15' and a 'Coda' symbol. The fifth staff has a measure number '20' and the instruction 'D.S. al Coda'. The score includes various rhythmic patterns and rests.

### ZABUMBA



8

15

22

D.S. al Coda

Musical score for Zabumba in 6/8 time. It consists of four staves of music. The first staff starts with a repeat sign. The second staff has a measure number '8'. The third staff has a measure number '15' and a 'Coda' symbol. The fourth staff has a measure number '22' and the instruction 'D.S. al Coda'. The score includes various rhythmic patterns and rests.

# Alvorada

## Bendito

### PONTO



Pife 1

Flute 1

Pife 2

Flute 2

Caixa

Snare Drum

Zabumba

Bass Drum

Fl. 1

Fl. 2

S. Dr.

B. Dr.

Musical score for Ponto in 6/8 time. It consists of eight staves of music. The first two staves are for Pife 1 and Pife 2. The next two staves are for Caixa (Snare Drum) and Zabumba (Bass Drum). The last four staves are for Fl. 1, Fl. 2, S. Dr., and B. Dr. The score includes various rhythmic patterns and rests.

# Alvorada Bendito

PONTO

Musical score for Alvorada Bendito, measures 8-11 and 12-15. The score is for Flute 1 (Fl. 1), Flute 2 (Fl. 2), Snare Drum (S.Dr.), and Bass Drum (B. Dr.). The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 3/4. Measures 8-11 show a melodic line in the flutes with a triplet of eighth notes in measure 9. The snare drum plays a steady eighth-note pattern, and the bass drum plays a simple rhythmic pattern. Measures 12-15 show a change in the flute melody and a more complex snare drum pattern.

# Alvorada Bendito

PONTO

Musical score for Alvorada Bendito, measures 16-19 and 20-23. The score is for Flute 1 (Fl. 1), Flute 2 (Fl. 2), Snare Drum (S.Dr.), and Bass Drum (B. Dr.). The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 3/4. Measures 16-19 show a melodic line in the flutes with a triplet of eighth notes in measure 17. The snare drum plays a steady eighth-note pattern, and the bass drum plays a simple rhythmic pattern. Measures 20-23 show a change in the flute melody and a more complex snare drum pattern. The score ends with the instruction "D.S. al Coda" and "FIM".

# Vou comprar uma fazenda

## Baião

Transcrição: Cacá Malaquias

Antonio do Pife

### PIFE 1

§

7

13

Fim  
Do S ao fim

### PIFE 2

§

8

14

Fim  
Do S ao Fim

# Vou comprar uma fazenda

## Baião

### PRATOS

§

9

18

Fim  
Do S ao fim

### CAIXA

§

7

13

19

Fim  
Do S ao fim

### ZABUMBA

§

9

18

Fim  
Do S ao fim

# Vou comprar uma fazenda

## Baião

# Vou comprar uma fazenda

## Baião

PONTO

PONTO

# Lembrança de Caruaru

## Marcha

Transcrição: Cacá Malaquias

Antonio do Pife

### PIFE 1

Musical score for Pife 1, measures 1-25. The score is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a time signature of 2/4. It begins with a rest for the first measure, followed by a series of eighth and sixteenth notes. Measure 9 is marked with a '9'. Measure 18 is marked with an '18'. Measure 25 is marked with a '25' and contains two first endings (1. and 2.) leading to the word 'FIM'.

### PIFE 2

Musical score for Pife 2, measures 1-25. The score is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a time signature of 2/4. It begins with a rest for the first measure, followed by a series of eighth and sixteenth notes. Measure 9 is marked with a '9'. Measure 18 is marked with an '18'. Measure 25 is marked with a '25' and contains two first endings (1. and 2.) leading to the word 'FIM'.

# Lembrança de Caruaru

## Marcha

### PRATO

Musical score for Prato, measures 1-29. The score is written in a high register with a key signature of one sharp (F#) and a time signature of 2/4. It begins with a rest for the first measure, followed by a series of eighth and sixteenth notes. Measure 10 is marked with a '10'. Measure 20 is marked with a '20' and contains two first endings (1. and 2.) leading to the word 'FIM'.

### CAIXA

Musical score for Caixa, measures 1-25. The score is written in a high register with a key signature of one sharp (F#) and a time signature of 2/4. It begins with a rest for the first measure, followed by a series of eighth and sixteenth notes. Measure 8 is marked with an '8'. Measure 16 is marked with a '16'. Measure 24 is marked with a '24' and contains two first endings (1. and 2.) leading to the word 'FIM'.

### ZABUMBA

Musical score for Zabumba, measures 1-22. The score is written in a high register with a key signature of one sharp (F#) and a time signature of 2/4. It begins with a rest for the first measure, followed by a series of eighth and sixteenth notes. Measure 11 is marked with an '11'. Measure 22 is marked with a '22' and contains two first endings (1. and 2.) leading to the word 'FIM'.

# Lembrança de Caruaru

## Marcha

PONTO

Flute 1 (Pife 1)  
 Flute 2 (Pife 2)  
 Snare Drum (Caixa)  
 Bass Drum (Zabumba)  
 Drum Set (Prato e Bacalhau)

The first system of the score is in 2/4 time. It features two flute parts (Pife 1 and Pife 2) with a melodic line. The percussion includes Snare Drum (Caixa) with a steady eighth-note pattern, Bass Drum (Zabumba) with a dotted quarter note pattern, and Drum Set (Prato e Bacalhau) with a consistent eighth-note pattern. A repeat sign is placed above the first measure.

Fl. 1  
 Fl. 2  
 S. Dr.  
 B. Dr.  
 D. S.

The second system continues the musical score. It includes parts for Flute 1, Flute 2, Snare Drum, Bass Drum, and Drum Set. The notation continues with the same rhythmic patterns and melodic lines as the first system.

# Lembrança de Caruaru

## Marcha

PONTO

Fl. 1  
 Fl. 2  
 S. Dr.  
 B. Dr.  
 D. S.

The third system of the score continues the musical score. It includes parts for Flute 1, Flute 2, Snare Drum, Bass Drum, and Drum Set. The notation continues with the same rhythmic patterns and melodic lines as the previous systems.

Fl. 1  
 Fl. 2  
 S. Dr.  
 B. Dr.  
 D. S.

The fourth system of the score concludes the piece. It includes parts for Flute 1, Flute 2, Snare Drum, Bass Drum, and Drum Set. The notation ends with a double bar line and the word 'Fim' written below each staff.

# Rio Pajeú

Transcrição: Cacá Malaquias

Antonio Gitirana  
Arranjo: Cacá Malaquias

## PIFE 1

Musical score for PIFE 1, written in treble clef, 2/4 time, and key of D major. The score consists of five staves. The first staff begins with a key signature change from D major to F# major. The piece concludes with a double bar line, the instruction "D.C. al Coda", and a Coda symbol (a circle with a cross) above the final measure.

# Rio Pajeú

## PIFE 2

Musical score for PIFE 2, written in treble clef, 2/4 time, and key of D major. The score consists of five staves. The first staff begins with a key signature change from D major to F# major. The piece concludes with a double bar line, the instruction "D.C. al Coda", and a Coda symbol (a circle with a cross) above the final measure.

# Rio Pajeú

## CAIXA

Musical score for CAIXA (Snare Drum) in 2/4 time. The score consists of five staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. It contains a rhythmic pattern of eighth notes with accents. The second and third staves continue this pattern. The fourth staff includes a first and second ending. The fifth staff concludes with the instruction "D.C. al Coda" and a Coda symbol.

## ZABUMBA

Musical score for ZABUMBA (Bass Drum) in 2/4 time. The score consists of five staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. It contains a rhythmic pattern of eighth notes with accents. The second and third staves continue this pattern. The fourth staff includes a first and second ending. The fifth staff concludes with the instruction "D.C. al Coda" and a Coda symbol.

# Rio Pajeú

## PONTO

Musical score for PONTO (Pipes and Drums) in 2/4 time. The score is arranged in a grand staff with five systems. The first system includes Flute 1 (Pife 1), Flute 2 (Pife 2), Snare Drum (Caixa), and Bass Drums (Zabumba). The second system includes Flute 1 (Fl. 1) and Flute 2 (Fl. 2). The third system includes Snare Drum (S.Dr.) and Bass Drums (B. Dr.). The score features complex melodic lines for the flutes and rhythmic patterns for the drums, with first and second endings in the flute parts. The piece concludes with a Coda symbol.

# Rio Pajeú

PONTO

Musical score for Rio Pajeú, measures 10-15. The score is for Flute 1 (Fl. 1), Flute 2 (Fl. 2), Snare Drum (S. Dr.), and Bass Drum (B. Dr.). The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 2/4. Measures 10-15 show a rhythmic pattern with eighth notes and sixteenth notes. The Snare Drum part consists of a steady eighth-note pattern, and the Bass Drum part consists of a steady eighth-note pattern.

# Rio Pajeú

PONTO

Musical score for Rio Pajeú, measures 20-26. The score is for Flute 1 (Fl. 1), Flute 2 (Fl. 2), Snare Drum (S. Dr.), and Bass Drum (B. Dr.). The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 2/4. Measures 20-26 show a rhythmic pattern with eighth notes and sixteenth notes. The Snare Drum part consists of a steady eighth-note pattern, and the Bass Drum part consists of a steady eighth-note pattern. The Flute 1 part has two first endings (1. and 2.) and a D.C. al Coda instruction at measure 26.

# Se segura Zabumbeiro

Transcrição: Cacá Malaquias

Antonio do Pife

## CAIXA

Musical score for CAIXA (Drum) part of 'Se segura Zabumbeiro'. The score is in 2/4 time and consists of four staves. The first staff starts with a double bar line and a 2/4 time signature. The second staff begins at measure 10. The third staff begins at measure 19 and features a series of eighth notes with accents. The fourth staff begins at measure 26 and ends with a double bar line and the word 'Fim' below it.

Fim

# Se segura Zabumbeiro

## PONTO

Musical score for PUNTO (Pipes and Percussion) part of 'Se segura Zabumbeiro'. The score is in 2/4 time and consists of five staves. The first two staves are for Flute 1 and Flute 2. The next two staves are for Snare Drum and Bass Drum. The fifth staff is for Hi-Hat Cymbal. The score includes labels for 'Pife 1', 'Pife 2', 'Caixa', 'Zabumba', and 'Prato e Bacalhau'.

Continuation of the musical score for PUNTO (Pipes and Percussion) part of 'Se segura Zabumbeiro'. This section shows measures 6 through 10 for Flute 1, Flute 2, Snare Drum, Bass Drum, and Hi-Hat Cymbal.

# Se segura Zabumbeiro

## PONTO

Musical score for 'Se segura Zabumbeiro' on page 134. The score is divided into two systems. The first system (measures 1-15) includes a '2/1' marking above the first measure. The second system (measures 16-20) includes a '16' marking above the first measure and a '2/4' time signature change. The bottom staff has a '11' marking above it.

# Se segura Zabumbeiro

## PONTO

Musical score for 'Se segura Zabumbeiro' on page 135. The score is divided into two systems. The first system (measures 1-15) includes a '2/1' marking above the first measure. The second system (measures 16-20) includes a '16' marking above the first measure and a '2/4' time signature change. The bottom staff has a '21' marking above it. The score ends with 'Fim' markings.

A Página 21, produtora cultural fundada em 1999, vem desenvolvendo ações significativas sobre o tema, como *Tocando Pifanos* (encontro de bandas de pifanos); *Pifanos e Mamulengos* (itinerância de apresentações musicais e oficinas no Distrito Federal, na Bahia, em Minas Gerais, Alagoas, Sergipe e Pernambuco); *Pifano na Mata* (difusão da musicalidade do pifano em cidades da Zona da Mata Norte de Pernambuco); *Eu Toco Pife* (apresentações musicais e oficinas de confecções de pifanos nos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Bahia, do Paraná e no Distrito Federal); *Pifanos na Escola* (oficina de confecção de pifanos nas escolas públicas estaduais de Pernambuco); CDs João do Pife e Banda Dois Irmãos e Banda Zé do Estado; *Música no Salgado* (apresentações musicais com João do Pife e participações de bandas de pifanos da região); intercâmbio com o festival *Les Sous-fifres*, Saint Pierre de Aurillac, na França; e levantamento bibliográfico, iconográfico e discográfico para subsidiar o registro das bandas de pifanos como patrimônio cultural imaterial brasileiro junto ao Iphan.

## RESUMO DAS AÇÕES

### **Tocando Pifanos**

De abrangência internacional, desde 2009 o *Tocando Pifanos* tem reunido, em suas cinco edições já realizadas, mestres, bandas, músicos, estudantes, historiadores, entusiastas da cultura popular e o público em geral, sendo as bandas de pifanos o tema central desses encontros. Nas edições já realizadas do *Tocando Pifanos*, pesquisas e estudos sobre o tema ocorridos em Minas Gerais, na Bahia, na Paraíba, em Alagoas e em São Paulo foram apresentados, discutidos e comparados; a presença de pifeiros de todo o Brasil e de outros países (França e Níger, na África) estimulou o intercâmbio musical e acadêmico, e foi neste contexto que,

já no segundo *Tocando Pifanos*, em 2010, os participantes do encontro esboçaram a ideia de solicitar às autoridades cabíveis o devido reconhecimento das bandas de pifanos como Patrimônio Imaterial Brasileiro.

Foi nesse contexto que a Página 21, produtora do *Tocando Pifanos*, buscou uma parceria técnica com o Iphan para orientação sobre todo o trâmite necessário para o encaminhamento do pedido de registro das bandas. Finalmente, em 2015, numa cerimônia histórica realizada em Olinda, durante o *V Tocando Pifanos*, o mestre pifeiro Sebastião Bianco – da célebre Banda de Pifanos de Caruaru e, na vitalidade de seus 96 anos de idade, baluarte dessa forma de expressão – entregou ao superintendente do Iphan-PE o pedido de registro das bandas de pifanos como Patrimônio Imaterial Brasileiro.

Resumo das ações realizadas: 32 apresentações musicais, 10 oficinas, 07 palestras, 05 rodas de mestres, lançamento de 05 livros, exibição de 06 vídeos, 07 homenagens a pessoas relacionadas ao universo do pifano, contribuindo para a preservação, difusão e salvaguarda dessa expressão.

### **Pesquisa e mapeamento das bandas de pifanos**

O dossiê é pioneiro na catalogação e captação de registros iconográficos e audiovisuais das bandas de pifanos em Pernambuco. A finalidade do projeto também não encontra par – é um passo à oficialização do pedido de registro como Patrimônio Imaterial e o que há de mais completo e atual sobre o quantitativo e a localidade das bandas em Pernambuco. A distribuição em escolas públicas, com foco nas que já pratiquem a educação musical, disseminará o conteúdo contido no livro. A linguagem do texto é mais próxima ao coloquial, no entanto sem relegar nenhum conteúdo captado na pesquisa de campo.

### **Pífanos na Escola**

Realização de aulas-espetáculo com João do Pife e Banda Dois Irmãos em escolas da rede estadual de Pernambuco, nos municípios de Carnaíba, Afogados da Ingazeira, Caruaru, São Caetano, Goiana, Condado, Olinda e escolas municipais e estaduais do Recife.

### **Pífanos e Mamulengos**

Espetáculo cênico e musical, envolvendo mestres de duas das mais ricas tradições populares nordestinas: o teatro de mamulengos e as bandas de pífano. Celebração à cultura do Nordeste, a apresentação revive as festas interioranas do passado, onde os bonecos e os pífanos faziam a alegria de jovens e adultos da zona rural. O projeto foi realizado no Distrito Federal, em Minas Gerais, na Bahia, em Sergipe, Alagoas e Pernambuco.

### **Pífano na Mata**

O projeto proporcionou a circulação do mestre João do Pife e Banda Dois Irmãos nas cidades de Goiana, Traucunhaém, Condado, Glória do Goitá, Aliança e Vicência. A Zona da Mata de Pernambuco é uma região rica em cultura. É de lá, por exemplo, que se origina o maracatu de baque solto, reconhecido como Patrimônio Imaterial Brasileiro.

### **Música no Salgado**

A realização de *Música no Salgado* deu novo impulso à cultura caruaruense, retomando a tradição da cidade em promover encontros artísticos na periferia. O espaço em que ocorreram as apresentações foi a rua onde localiza-se a oficina de música de João do Pife, que, cada vez mais, vem tornando-se um ponto de referência para turistas e amantes da música.

### **CD da Banda Zé do Estado – Caruaru**

Registro sonoro e lançamento do primeiro CD da Banda de Pífanos Zé do Estado.

## **PROJETOS EM DESENVOLVIMENTO**

### **Pífanos de Pernambuco**

Exposição, debates, oficinas e apresentações musicais. O projeto, construído a partir da pesquisa de pífanos do Agreste e Sertão de Pernambuco, irá reunir vídeos, fotografias, instrumentos e indumentárias utilizados pelas bandas de pífanos.

### **Pífanos dos Sertões de São Francisco, de Itaparica e do Araripe**

Busca finalizar a aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) nas bandas de pífanos dos sertões de São Francisco, de Itaparica e do Araripe, passo definitivo para complementar o dossiê das bandas de pífanos em Pernambuco visando seu registro junto ao Iphan como Patrimônio Imaterial.

### **Bandas de pífanos de matrizes africanas – memória musical**

Pesquisa sobre as bandas de pífanos nas comunidades remanescentes de quilombolas de Buenos Aires, Quitimbu, Travessão do Caroá, Leitão da Carapuça e Conceição das Crioulas, no Sertão pernambucano, tendo por produto final um livro e um documentário. A pesquisa também irá catalogar fotografias, textos, instrumentos musicais e adereços das bandas de pífanos existentes, que serão fotografados e/ou reproduzidos para salvaguarda e integrarão o banco de dados do Iphan para consulta pública (considerando que o Iphan-PE presta acompanhamento técnico para o mapeamento das bandas de pífanos, realizado pelo proponente e equipe visando seu registro como Patrimônio Imaterial) e servirão para produção de conteúdo para o site [www.tocandopifanos.com](http://www.tocandopifanos.com), que reúne informações sobre bandas de pífanos.

## Referências

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

CANECA, Marco Antônio da Silva. *O pífano da feira de Caruaru: contexto; características; aspectos educativos*. 1993. Dissertação (mestrado em Música) – Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, UFRJ, 1993.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CROOK, Larry Norman. *Zabumba music from Caruaru, Pernambuco: musical style, gender, and the interpenetration of rural and urban worlds, 1991*. Tese. (Doutorado) Faculty of the Graduate School of The University of Texas, Austin, 1991.

GEERTZ, Clifford. *O pensamento como ato moral: dimensões éticas do "trabalho de campo" nos países novos*. In: *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LIMA, Jeannette M. D. *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco*. 1985. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco, 1985.

MAGALHÃES, Daniel Lima. *Canudos, gaitas e pífanos: as flautas do norte de Minas*. Belo Horizonte: D. L Magalhães, 2010.

PEDRASSE, Carlos Eduardo. *Banda de pífanos de Caruaru: uma análise musical*. 2002. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, 2002.

ROCHA, José M. T. " *Eh! Lá vem esquentar-mulher...*" *As bandas de pífanos do Nordeste do Brasil em uma perspectiva Histórica Cultural*. Tese (Doutorado em Música). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, 2002.

VELHA, Cristina Eira. *Significações sociais culturais e simbólicas na trajetória da Banda de Pífanos de Caruaru e a problemática histórica do estudo da cultura de tradição oral no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CÂMARA, Aluizio. *Texto da Exposição O sopro do tempo: o patrimônio nacional em Pernambuco*.

LIMA, Jeannette M. D. *Arqueologia do Brejo da Madre de Deus – Pernambuco*.

Arquivos do Museu de História Natural – UFMG. Belo Horizonte, VIII – IX: 29 – 32, 1983/84.

\_\_\_\_\_. *Nordestino pré-histórico embalsamava os mortos*. *Jornal do Commercio*. Recife, 1990.

\_\_\_\_\_. *Dois períodos de subsistência no Agreste pernambucano: 9.000 e 2.000 A.P.* *CLIO*, Recife, 1(4): 57 – 61, 1991.

MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. 5 ed. Recife: UFPE, 2008. 438p. il.

MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. & MELLO E ALVIM, M. C. *A população pré- -histórica da Furna do Estrago – adaptação humana ao Agreste pernambucano*. *Symposium*, v. 34, n. 42, p. 123-145. Recife, 1992.

### ENTREVISTAS<sup>1</sup>

ARAÚJO José Joaquim de: depoimento (27 de maio de 2014) entrevista. Sertânia-PE.

BARROS, Antônio Ercílio de; SANTOS Noé Matias dos: depoimentos (05 de abril de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos de Loanda) Serra Talhada-PE.

BRITO, Gabriel José de Brito; SILVA Manoel Vicente da: depoimentos (05 de abril de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos Nossa Senhora de Lourdes) Solidão-PE.

EVANGELISTA, Francisco Marques: depoimento (1º de abril de 2013) entrevista. (Banda Maravilhosa de Santa Rosa) Afogados da Ingazeira-PE.

FILHO, José Souza da Silva; SILVA, Antônio Alves da; SILVA Romualdo Ferreira da; SIQUEIRA, Cristóvão Luiz Santos: depoimento (08 de abril de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos Nossa Senhora de Sant'Ana) Triunfo-PE.

FREITAS, Lindolfo Liberal de: depoimento (1º de abril de 2013) entrevista (Banda de Pífanos São José) Ingazeira-PE.

IRMÃO, José Cesário da Silva: depoimento (08 de abril de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos Frei Damião) Tabira-PE.

JORGE, José Henrique; SILVA, Sebastião Henrique Jorge da; depoimentos (28 de maio de 2014) entrevista. (Bandinha de Pífanos de Arcoverde) Arcoverde-PE.

LIBERATO, Damião; SOUZA, José Liberato de: depoimentos (26 de maio de 2014) entrevista. (Banda de Pífanos Os Liberatos) Serrita-PE.

LIMA, Antônio de Pádua: depoimento (30 de março de 2013) entrevista Carnaíba-PE.

LIMA, Manoel da Silva de; SILVA, Dejivan Otacílio da; SILVA, João Batista da: depoimentos (23 de maio de 2014) entrevista (Banda Cultural Meu Saber) Custódia -PE.

MONTEIRO, Francisco Rozo; MONTEIRO, Francisca Vieira; MONTEIRO, Joaquim Vieira: depoimentos (26 de maio de 2014) entrevista (Banda Cabaçal) Serrita-PE.

OLIVEIRA, Edvaneide Francisco de; SILVA, Reginaldo Florêncio da: depoimentos (27 de maio de 2014) entrevista (Bandinha da Mata de Sertânia) Sertânia-PE.

OLIVEIRA, Eleno Pedro de; OLIVEIRA, Luciano Espedito de; SOUZA, Cícero Antônio de: depoimentos (24 de maio de 2014) entrevista. (Banda de Pife Rei do Sertão) Verdejante-PE

OLIVEIRA, Florivaldo Jordão; QUIRINO, Raimundo Cruz; SILVA, Antônio João da; SILVA, Audízio Jerônimo da Silva; SILVA, José João da; SILVA, Jorge Tadeu Lúcio da: depoimentos (25 de maio de 2014) entrevista (Banda de Pifanos Alvorada de Santa Rita) Parnamirim-PE.

PEREIRA, Darcilo Martins; SILVA Alfredo Feliciano da; SILVA, Antônio Cardoso da: depoimentos (1º de abril de 2013) entrevista. (Banda de Pifanos São Sebastião) Iguaraci-PE.

PEREIRA, João Nicácio; BRASIL, José Correia: depoimentos (04 de abril de 2013) entrevista. (Banda de Pifanos dos Nicácio) Tabira-PE.

SANTANA, Carla Cristina Batista de; SANTANA, José Batista de: depoimentos (27 de maio de 2014) entrevista. (Banda de Pifanos Santa Luzia) Arcoverde-PE.

SANTOS Alexandre José Gregório dos; SANTOS Manoel Sebastião dos: depoimentos (26 de maio de 2014) entrevista (Bandinha de Pife de Betânia) Betânia-PE.

SANTOS, Edvaldo Raimundo dos; SANTOS, José Arnaldo dos: depoimentos (28 de maio de 2014) entrevista (Bandinha de Pifanos da Umburanas Nossa Senhora da Conceição) Sertânia-PE.

SANTOS, Lourival Pereira dos; depoimento (09 de abril de 2013) entrevista (Banda de Pifanos de Mestre Louro) Serra Talhada-PE.

SANTOS, Maria Yolanda Amaral: depoimento (23 de maio de 2014) entrevista. Custódia-PE.

SILVA, Adriano Ulisses da; SILVA Heleno Silvino da; SILVA, Ulisses João da; SOUZA, Audílio Aluizio de: depoimentos (24 de maio de 2014) entrevista.(Banda de Pife do Mestre Ulisses do Sítio Altos) São José do Belmonte- PE.

SILVA, Afonso Nunes da; SILVA, José Ramos da: depoimentos (27 de maio de 2014) entrevista. (Bandinha do Sítio Caiana) Sertânia-PE.

SILVA, Andreilino Neto da; SILVA, João Antônio da; SILVA, Marcelo Paulino da; SILVA, Mariano João da: depoimentos (25 de maio de 2014) entrevista. (Banda de Pifanos Conceição das Crioulas) Salgueiro-PE.

SILVA, Antônio Anísio da: depoimento (30 de março de 2013) entrevista. Carnaíba-PE.

SILVA, Antônio Cardoso da: depoimento (03 de abril de 2013) entrevista. (Bandinha Cultural dos Cardosos) Afogados da Ingazeira-PE.

SILVA, Cecília Blandina da; SILVA, Luiz Gonzalo da; SILVA, Neusa Cecília da: depoimentos (23 de maio de 2014) entrevista. Custódia-PE.

SILVA, Francisco Venerano da; SILVA José Januário; SILVA José Leandro da; SILVA, Luiz Gonzalo da: depoimentos (06 de abril de 2013) entrevista. (Banda de Pifanos do Leitão da Carapuça) Afogados da Ingazeira-PE.

SILVA, José Alfredo Vito da: depoimento (31 de março de 2013) entrevista. (Banda Raízes Travessão do Carová) Afogados da Ingazeira-PE.

SILVA, José Carlos da: depoimento (28 de maio de 2014) entrevista. (Bandinha do Sítio Pinheiro) Sertânia-PE.

SILVA, José Gonçalves da: depoimento (07 de abril de 2013) entrevista (Banda de Pifa-rios Riacho do Meio) São José do Egito-PE.

SOBRINHO, Antônio Pedro: depoimento (30 de março de 2013) entrevista (Banda de Pifanos Santo Antônio) Carnaíba-PE.

SOUZA, Arlindo Joaquim de: depoimento (30 de março de 2013) entrevista (Banda de Pifanos Sítio Antonico) Carnaíba-PE.

1 As entrevistas foram aplicadas pautando-se em questionário e ficha de identificação da metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Iphan.

